



INCLUINDO  
6 PROGRAMAS  
EMOCIONANTES PARA  
O SEU MICROCOMPUTADOR!

# TERROR GLACIAL

JEAN M. FAVORS



NOVA  
CULTURAL

**MICRO  
AVENTURA**

**Nº 9**

**Cr\$ 15.000**



Uma história  
fantástica onde  
o herói é VOCÊ!

# TERROR GLACIAL

JEAN M. FAVORS

NOVA  
CULTURAL



# **TERROR GLACIAL**

**JEAN M. FAVORS**

**Título original: The Big Freeze**

**Tradução: Ina Stein de Amarante**

**Consultoria e adaptação dos programas para computador:  
Renato M.E. Sabbatini (diretor do Núcleo de Informática  
Biomédica da Universidade Estadual de Campinas)**

**Ilustração da capa: Granada Publishing**

**Copyright © 1985, Parachute Press, Inc.  
Publicado sob licença da Scholastic Inc., New York, USA.  
Copyright © 1985, Abril S.A. Cultural, São Paulo, Brasil.**

**ATENÇÃO: a informação que se segue é da maior importância para o sucesso desta missão. Leia-a com atenção. Ela pode salvar a sua vida!**

Como membro efetivo da AJA — Associação de Jovens Aventureiros — sua missão, como sempre, é defender a causa do bem contra o mal. Não será fácil, pois a SATAN — Sociedade para a Ação Terrorista e Anarquista, uma organização internacional que tem por finalidade gerar destruição no mundo inteiro — estará lutando contra você ao longo de toda a jornada. Sua habilidade no manejo do microcomputador será vital para esta missão. Portanto, ligue seu sistema de computação. Durante esta aventura você terá que programar seu micro para salvar a equipe da AJA de situações terrivelmente perigosas.

Procure no quadro abaixo de cada programa quais os micros que podem executá-lo sem modificações. Se o programa não puder ser executado como está no seu micro, consulte o Manual de Referência no final do livro e efetue as modificações indicadas para adequá-lo à sua máquina. Para descobrir em qual das famílias de micro o seu se enquadra, veja a tabela na página 116. Rápido! E boa sorte. Esta mensagem será apagada da memória em 30 segundos.

## CAPÍTULO 1

Seu rádio portátil está tocando a todo vapor a nona colocada da parada de sucessos e o sol queima suas costas. Deitado, meio dormindo, sobre uma toalha úmida, você está de olho na carrocinha de cachorro-quente que está perto da praia: talvez valha a pena encarar um lanche enquanto o pessoal não chega. A turma já devia ter chegado há meia hora, para pegar umas ondas com você. Será que eles desistiram só porque o rádio falou que ia chover logo mais? Você já está começando a ficar impaciente, e se vira para queimar o outro lado do corpo.

Aí, recebe uma chuva de areia na pele. Meio confuso, você dá de cara com um vendedor de refrescos inclinado ao seu lado.

— Desculpe, eu não queria jogar areia em seu rosto. Tome um chocolate grátis, para compensar a mancada. — diz ele, oferecendo-lhe um copo com um líquido fumegante e cheio de espuma.

— Não, obrigado. — Você se levanta, imaginando que o homem deve estar pirado. Quem vai encarar um chocolate quente embaixo desse sol de quarenta graus???

Na verdade, o cara parece uma árvore de Natal. Usa uma jaqueta listrada de vermelho e branco, cujas man-



gas deixam aparecer os punhos bordados de uma camisa de seda. Além disso, ele usa um daqueles chapéus com proteção para as orelhas. . . — Pegue um chiclete também — ele diz, entregando-lhe um pacote.

Ele parece inofensivo, mas nunca se sabe. . . Meio preocupado, você pega o pacote de gomas de mascar e coloca no bolso do calção. Ao mesmo tempo, dá uma olhada em redor, tentando encontrar seus amigos. Mas não há qualquer sinal deles. — Acho que eu vou chegando. . . — você diz ao estranho vendedor. Mas, ao pegar o rádio portátil, uma rajada forte e repentina de ar frio quase o corta ao meio.

— Interrompemos nossa programação para uma informação extraordinária — diz a voz solene do locutor, cortando bruscamente a música. — Há neve se espalhando por toda a área metropolitana e. . .

Você desliga o rádio no meio da frase. — Neve a esta época do ano? Bicho, essas rádios inventam qualquer coisa para aumentar a audiência — você diz para o vendedor. Em seguida, você sente alguma coisa macia e gelada tocando em seu rosto. Você olha para o céu e não acredita. Ainda há pouco o céu estava azul, deslumbrante, e agora, o que você vê é um cinza pálido.

— Você tem certeza de que ainda não quer aquele chocolate quente? — pergunta o vendedor. Você está tão ocupado engolindo a bebida que nem percebe que ele está se afastando. — Boa sorte, Órion. Você vai precisar mesmo de muita sorte — ele grita de longe. — Neste momento, temperatura de dois graus na cidade!!

— Como é que esse cara descobriu meu codinome? — você fica perguntando sozinho, enquanto um arrepio agudo fulmina sua nuca. A resposta não demora. Ao olhar para o fundo do copo, que já está quase vazio, seus olhos quase saltam fora do rosto. . . As últimas gotas de chocolate estão se congelando em estrias, rabis-

cando alguma coisa no fundo do copo. São cinco linhas de letras que não fazem o menor sentido. Você já sabe: deve ser uma mensagem em código da AJA. É aquela história de dois graus deve significar que o número 2 deve ser a chave secreta para a decodificação!

**JITGXVXJ IPVJMT UTSMXRGXUX  
JGPK XIGTFTKET FT KJ  
HDXGETM RTKTGXM FDITG FTVGTEJ  
XRDYGUT EGXKFIJGET KJ  
SPKXM UJ VXPf KDLTEJ FTPF**

Com as mãos tremendo mais pela excitação do que pelo frio, você pega seu rádio portátil. Um toque de dedo e a tampa de trás se desloca para revelar um microcomputador; uma verdadeira obra de arte tecnológica. Rapidamente, você coloca um programa (disfarçado de fita cassete de música) e digita o programa de decodificação.

*Digite o seguinte programa em seu computador e execute-o. Em seguida, digite a mensagem codificada, uma linha por vez. A linha 110 deve ser digitada em uma única linha no seu micro.*

## **PROGRAMA 1**

```
100 REM DECODIFICADOR
110 LET A2$="ZYXWVUTSRQPONML
    KJIHGFEDCBA"
120 LET A=ASC("A")
130 LET Z=ASC("Z")
150 PRINT "QUAL E A CHAVE ";
160 INPUT CH
170 PRINT "DIGITE FIM PARA TERMINAR"
```

```

180 PRINT "MENSAGEM ";
190 INPUT M$
200 IF M$="FIM" THEN STOP
210 FOR I=1 TO LEN(M$)
220 LET P$=MID$(M$,I,1)
222 LET C=ASC(P$)
230 IF C<A OR C>Z THEN GOTO 280
240 LET P=C+CH
250 IF P>Z THEN P=P-26
260 LET P=P-A+1
270 LET P$=MID$(A2$,P,1)
280 PRINT P$;
290 NEXT I
300 PRINT
305 PRINT
310 GOTO 180

```

SINCLAIR	APPLE	RADIO SHACK		IBM
ZX-81	Apple II	TRS-80	Color	PC
	↙			↙

*Este programa rodará em todos os computadores assinalados na tabela e seus compatíveis. Para adaptá-lo aos micros das linhas Sinclair, Radio Shack, consulte o Manual de Referência, página 105.*

Operação Picolé? Que espécie de missão maluca seria essa? Será que a SATAN está querendo tomar o controle mundial das indústrias de sorvetes? Ao perceber que pode ficar congelado antes mesmo que a missão

comece, você trata de vestir as roupas extras que tem na mochila. Mas um short e uma camiseta não é exatamente o que se deve usar com um frio desses. O único calor que você consegue sentir vem daquele pacote de chicletes que o vendedor lhe deu. Ao tirá-lo do bolso, ele escapa de sua mão e milagrosamente começa a esticar, transformando-se num macacão exatamente do seu tamanho. Deslumbrado com a eficiência do setor de equipamentos especiais da AJA, você veste rapidamente a roupa térmica e corre até a ponte, onde deve esperar a condução que o levará até a sede.

Seus olhos vasculham o mar e o céu, ansiosamente. “Eles mandarão um helicóptero? Um balão movido a ar quente? Quem sabe, desta vez, eles vão me fazer mergulhar numa dessas barcaças que transportam o lixo?” Você já aprendeu que pode esperar o impossível do departamento de transportes da AJA.

Ondas gigantescas estão estourando na praia, mas isso não o preocupa tanto quanto a enorme barbatana triangular que você vê surgir através da espuma. Assustado, você vê o maior tubarão do mundo avançar em direção à praia. Você recua alguns passos, certo de que o bicho não vai conseguir alcançá-lo fora da água. Certo?

Errado! Ao chegar à praia, o *Rei dos Tubarões* sai do mar pulando como se fosse um golfinho, salta para a ponte e começa a deslizar como se tivesse rodas em vez de barbatanas!

Você começa a correr . . . Nenhum peixe fora d’água vai conseguir correr tão rápido quanto você. Mas então você lembra que deixou seu computador na beira da praia. Ao voltar para pegá-lo, você tropeça e se esborracha no chão.

No mesmo instante, em vez de devorá-lo logo, o tubarão dá uma volta em torno de seu corpo e breca com

um barulho estridente, colocando-se entre você e o mar. Não há mais qualquer chance de escapar do bicho!

— O que fazer agora? — você murmura.

O sorriso de dentes afiados que divide a cara horrosa do tubarão começa a se abrir.

## CAPÍTULO 2

— Qual é o seu código? — resmunga o monstrengo.

O medo da morte apronta coisas estranhas na mente da gente. Será que essa coisa está realmente falando?

— O-o q-q-quê??? — você pergunta, nervosamente.

— Vamos logo, eu não tenho o dia inteiro. Diga seu código!

— Ó-Ó-Órion. — Você se arrepende da resposta assim que ela escapa de seus lábios. Vamos supor que esse tubarão seja um elemento muito exigente da SA-TAN, que só gosta de comer agentes da AJA! . . .

A enorme boca abre ainda mais e lá de dentro surge uma cabeça muito familiar. Com uma mistura de desconfiança e alívio, você reconhece Pé-de-Chumbo, o popular P.C., chefe da divisão de transportes da AJA.

— Desculpe eu ter engrossado com você, mas regras são regras. Sem codinome, não há transporte. Entre, entre, a equipe já está esperando — diz ele.

Você sobe através dos dentes e depara com a cabine de dois assentos de um pequeno submarino. — Eu pensei que ia virar lanche de tubarão — você diz, ainda tremendo, enquanto o falso tubarão mergulha outra vez para o fundo do mar. — É bom revê-lo, P.C., mas você não acha estranho esse jeito de me levar para a sede?

— Duas horas atrás, a base da Força Aérea em “Tuttle” foi atingida por uma nevasca monstruosa. Ninguém pode entrar nem sair, e as comunicações com a Central da AJA estão totalmente bloqueadas. Nós estamos. . .

— Eu ouvi uma notícia sobre neve no rádio, mas pensei que fosse brincadeira. Uma nevasca nesta época é impossível — você interrompe.

— Bem, não era confete gelado que estava caindo na praia — responde enérgico P.C., virando violentamente a direção para a direita, a fim de desviar de um grupo de águas-vivas. Depois de corrigir o curso do veículo com habilidade, ele continua: — E o momento não poderia ter sido pior. . . O diretor e a maioria dos chefes tinham acabado de ir para Tuttle, para uma reunião de emergência. Se não fosse a estação do norte do Canadá e a Redoma Profunda, a associação estaria aniquilada, sem chance de operar.

— Redoma Profunda?

Seu velho amigo explica que você está a caminho de uma instalação secreta da AJA. É tão distante, no fundo do mar, que nada que aconteça pelo mundo afora poderá atingi-la.

Agora a Operação Picolé começa a fazer sentido para você. — Então a gente vai se reunir lá para descobrir um jeito de salvar os chefões? — você pergunta, nervosamente.

— Os manda-chuvas estão seguros. Tuttle possui um sistema auxiliar de energia que poderia esquentar o Pólo Sul. E há comida suficiente para três ou quatro anos. — P.C. passa os dedos em seus cabelos ruivos. — Temos um problema maior. Os meteorologistas dizem que a Terra está prestes a entrar em uma nova era glacial. Essa foi a razão da reunião de emergência em Tuttle.

— Você deve estar brincando! E o efeito estufa? Não está tornando o mundo mais aquecido. derretendo as calotas polares ou alguma coisa assim? — você pergunta, franzindo as sobrancelhas.

P.C. balança a cabeça de um jeito melancólico. — Isso é teoria, não é o que está acontecendo de verdade.

— E, além do mais, eu não entendo como é que essa era glacial iria surgir assim de repente. Esse tipo de mudança no clima leva séculos para acontecer. Qual é o problema?

— Ninguém sabe. Mas esperamos que a Operação Picolé possa descobrir antes que seja tarde demais.

Você se inclina um pouco na poltrona. Sempre, desde que entrou para a AJA, tem enfrentado situações difíceis. Mas o que um perito em computadores pode fazer contra uma onda de frio tão violenta? — Além de nós dois, quem mais está na equipe? — você pergunta.

— Não conte comigo. Tenho que fazer umas investigações. Sabe, houve algum tipo de sabotagem no meu setor. e eu não consegui chegar a tempo em Tuttle para a reunião.

— Ainda bem que você não estava lá — diz você, amistosamente, esperando encurtar a história dele e ir direto à questão. — Então, quem está trabalhando comigo nesta missão?

— Mancha Solar é o líder. Ele é um meteorologista, além de especialista em termodinâmica. Annie Âncora é a nossa especialista em sobrevivência em clima frio. E agora não há mais tempo para explicações, porque dirigir esta “gracinha” exige concentração. — Pé-de-Chumbo dirige o submarino rumo a uma espécie de abóbada parada no fundo do mar.

Você descobre logo por que este lugar é chamado de “Redoma Profunda”: ele fica na parte mais profunda do oceano, junto ao recife de corais.



Uma escotilha se abre ao lado da cúpula. Você sai do tubarão submarino e entra numa câmara de descompressão, onde guardas estão esperando para escoltá-lo até a primeira reunião da equipe da Operação Picolé.

— Você não vem mesmo, P.C.? — você pergunta, enquanto seu amigo se prepara para fechar outra vez a escotilha do submarino.

— Eu sigo meu caminho, para investigar a situação na estação canadense. Mas a gente se vê mais tarde. Ah, Órion... — Pé-de-Chumbo hesita um pouco, depois põe a mão em seu ombro: — Todos os nossos bambas em meteorologia e sobrevivência estão presos em Tuttle... Esta é a primeira missão de Mancha Solar e Annie. Conto com você para ajudá-los nas tarefas mais difíceis.

— Eu não vou desapontá-lo, chefe — responde você, fazendo uma continência de brincadeira. Mas a idéia de trabalhar com uma equipe de amadores não o deixa nem um pouco tranqüilo.

No interior da sala de reuniões, dois agentes discutem em voz bem alta, ao lado de um mapa do mundo que ocupa toda a parede. O homem baixo e barrigudo, com uma careca tipo Kojak, você conhece muito bem. Mesmo sem aquelas roupas de palhaço, você reconhece o meteorologista que todo dia aparece no “Bom Dia, América”, seu programa matutino de televisão preferido... Aquele mesmo cara que jogou um balde d’água em cima da apresentadora para anunciar chuvas fortíssimas um certo dia...

— Eu acredito que haja 96% de chances de que você seja Órion, o mestre dos computadores. Na qualidade de chefe de sua equipe, gostaria de lhe dar minhas sinceras boas-vindas. — Você aperta a mão do célebre meteorologista com cuidado, lembrando que ele sempre gostou de pregar sustos nos telespectadores.

— Obrigado, sr. McB.

— Meu codinome é Mancha Solar — interrompe ele, gentilmente. — E minha colega é Annie Âncora, a pessoa que mais entende de sobrevivência em clima frio neste lado do Atlântico. Não deixe que a boa aparência dela o engane, ela é a maior.

— Chega de massagear meu ego, Mancha Solar. — A mulher magra e decidida anda em sua direção. Deve ter entre 40 e 60 anos, e seu aperto de mão parece uma armadilha de pegar urso. — Esta é a minha primeira missão na AJA, portanto você e o homem da TV precisam me colocar a par das coisas.

Mancha Solar fica meio constrangido com a referência ao seu trabalho na TV. — Vamos logo ao trabalho — murmura ele, sem admitir sua própria falta de experiência. — Não seria bom que eu lhes desse as últimas informações sobre esse clima maluco que está atingindo metade do globo? — Rapidamente recuperando o ar tranqüilo e o bom humor, ele cruza os braços em volta da barriga, e começa: — Há seis meses, o clima em alguns lugares estava muito confuso. Eu previ uma onda de frio em Granada, mas ninguém acreditou até que a colheita de bananas foi toda perdida. E acreditaram quando eu disse que o Rio Nilo ia transbordar? Claaaaro que nãããããooooo! E vejam o que aconteceu.

— E qual é a conclusão? — interrompe Annie.

— De acordo com meus cálculos, a temperatura média em algumas cidades do Hemisfério Norte caiu mais de 15 graus nas últimas cinco semanas. Se esta tendência se mantiver, há entre 80 e 86 por cento de chance de os fabricantes de ceroulas ficarem ricos — observa Mancha Solar.

— Eu aposto que isso tem alguma coisa a ver com os testes nucleares ilegais na atmosfera — diz Annie. —

Mais dia menos dia, os seres humanos vão acabar com a própria vida na Terra. . . E quer saber de uma coisa? É melhor assim. — Ela faz uma pausa e dirige um olhar significativo a Mancha Solar. — Quem sabe os animais tomem conta do planeta. . . Afinal, eles são bem mais espertos do que os homens.

— Ridículo. Você simplesmente não entende de tecnologia moderna — argumenta Mancha Solar. — Além disso, todo mundo sabe que são as recentes erupções vulcânicas que estão provocando impactos significativos no clima.

Você deixa escapar um suspiro profundo. A julgar pelas aparências, esta missão precisa mais de um juiz do que de um especialista em computadores. Enquanto os dois continuam discutindo, você estuda o mapa, onde os locais com maiores alterações de clima estão marcados com alfinetes. — Eu não acredito que seja nada disso que vocês falaram — você fala, lentamente. Você sabe exatamente qual deve ser a causa de tudo isso. Com uma caneta vermelha, você rabisca as cinco letras sinistras:

**SATAN.**

Annie e Mancha Solar engolem em seco.

### CAPÍTULO 3

O rosto de Annie está lívido. — Tudo o que eu sei sobre a SATAN é que a organização é barra pesada. Diga-me, então, o que esses malditos intrometidos vão ganhar transformando o mundo num sorvete.

— Quem imagina a maldade que existe no coração das pessoas. . . — Um som agudo que sai de um altofalante sobre a porta interrompe as divagações de Mancha Solar.

— A SATAN descobriu a localização da redoma. Aguardem um informe através do sistema de vídeo — anuncia a voz de um locutor.

O meteorologista pressiona uma chave no console da televisão, e o rosto alegre de uma mulher vibra na tela. Seus traços estão parcialmente escondidos por uma máscara de gato que ela tem sobre os olhos. Agitando os cabelos longos e ruivos de maneira arrogante, ela diz: — Olá, benfeitores desorganizados. Aqui é Lírio, a agente da SATAN mais linda do mundo, apresentando-se para vocês cheia de energia e com uma aparência magnífica.

— O que vocês me dizem. . . uma garota-SATAN deslumbrante assim. . . — murmura Mancha Solar.

— Ela só é bonita se você é chegado em mendigas

— observa Annie asperamente. — O que vocês vêm nesse bagulho?

— Surpresos por descobrirem que a SATAN também emprega mulheres? — continua Lírio, umedecendo os lábios com a ponta da língua. — Bem, este não é o único choque que vocês vão ter! — A longa unha pintada com esmalte vermelho pressiona um botão da mesa a sua frente.

Por um rápido segundo, o ar em volta emite uma luz trêmula e vocês sentem-se como se tivessem sido jogados num depósito de carne gelada.

— O que . . . — a pergunta de Mancha Solar é interrompida pelo matraquear de seus dentes.

Lírio pressiona novamente o botão, e o calor volta lentamente à sala. — Isto foi apenas uma amostra do que vem por aí. Até agora, vocês sabem, congelamos apenas a instalação principal de vocês. . . Mas, agora mesmo, enquanto eu falo, um satélite térmico reverso está suspenso sobre suas cabeças. É só eu emitir um sinal, e o último refúgio da AJA ficará mais congelado do que um campo de nudismo no Alaska!

— Aparentemente, ela não sabe do novo posto avançado canadense — murmura Annie, olhando apenas sobre o ombro; como se a mulher na TV pudesse ouvi-la.

— Graças a Deus! Mesmo que ela nos pegue, Pé-de-Chumbo e os outros podem continuar a luta — responde Mancha Solar em tom igualmente baixo.

Lírio mostra os dentes com um sorriso cruel que lhe causa arrepios. — Antes que a rigidez cadavérica se estabeleça, é bom que vocês saibam exatamente por que devem morrer. Vocês, seus tolos, em breve não serão nada mais do que uma memória congelada. E me alegra compartilhar com vocês o brilhantismo do plano-mestre da SATAN.

Enquanto você imagina uma maneira de sair desta situação, a mulher diabólica revela seu plano terrível: usando uma rede de satélites térmicos que podem controlar os fenômenos atmosféricos em qualquer parte da Terra, a SATAN vai forçar cada nação a se submeter a suas ordens. Daqui a duas semanas, todos terão que ficar em pé e bater continência à SATAN! Lírio aperta sadicamente o botão.

Você se aconchega no calor de sua roupa térmica dobrável e espera pela próxima rajada de vento frio. Nada acontece.

— Venha aqui, idiota. . . este treco parou de funcionar! — grita Lírio.

Um homem move-se nervosamente na direção dela e sorri diante da câmara. — Apenas um defeito insignificante, garota. Eu conserto isso num segundo — ele diz.

A mulher dirige a ele um olhar tão diabólico que seria capaz de fazer murchar um carvalho. Enquanto os dois fuçam no painel, a equipe da AJA aproveita para dar um rápido suspiro de alívio.

Seu estômago está embrulhado e sua boca parece o deserto do Saara, mas você consegue dizer: — O satélite que eles puseram sobre nossas cabeças deve ser controlado por computador. Talvez a gente possa interromper suas transmissões e bloquear a programação.

Mancha Solar sorri com um jeito prepotente: — Não se preocupem, amigos. Na semana passada, a Redoma Profunda foi equipada com uma nova blindagem de radiação que nos protegeria até de uma bomba de dez megatons. O raio insignificante da SATAN vai bater na blindagem como uma bolinha de pingue-pongue.

— Você é o chefe. . . por que não ativa esse sistema antes que a gente morra congelado? — pergunta Annie.

— Esse é o meu plano — responde Mancha Solar.

Seus dedos ficam suspensos no ar, indecisos sobre o painel de controle que há na mesa de reuniões. — O problema é que aquela estação é a única ligação que temos com essa tal Lírio. Se conseguirmos ter acesso a ela, podemos descobrir de onde é que ela está operando a transmissão. Temos um equipamento de rastreamento bem sofisticado aqui. — Bruscamente, ele abandona o controle do sistema de defesa e começa a andar. — A blindagem de proteção impede a passagem de sinais eletrônicos. . . ativá-la significa perder a chance de localizar o esconderijo da SATAN. E mais: se a antena do satélite for desviada imediatamente, Lírio perceberá que seu plano de destruir a AJA falhou.

Annie dirige um olhar exasperado ao meteorologista: — Saber onde é o esconderijo dessa mulher-gata não nos dará vantagem nenhuma se formos transformados em sorvete, certo? Eu sugiro que deixemos essa idéia de lado. Mais tarde a gente trata de descobrir o esconderijo.

Cada um tem um pouco de razão, mas seu coração pende secretamente para o ponto de vista de Annie. — Lírio disse que levará algum tempo para acabar conosco. Não é nada confortável, mas podemos encontrar a estação *depois* que ela pressionar o botão — você diz decidido. — Assim ela pensará que destruiu a AJA e continuará com seu trabalho sujo.

— Órion, isto é absolutamente brilhante! — diz Mancha Solar. A indecisão nos olhos dele é substituída por uma inteligência de aço. Pode-se perceber que o cérebro no interior daquela careca lustrosa está funcionando em alta velocidade. — Está fazendo 15 graus neste momento aqui. Depois que Lírio acionar o raio, teremos aproximadamente quatro minutos até que o frio impeça o funcionamento das funções vitais humanas. Deve dar tempo para que eu. . .

Antes mesmo de terminar a frase, ele corre para o sonar, o radar e outros dispositivos de rastreamento.

Agora é torcer para que o problema no equipamento da SATAN ainda dure algum tempo.

Mas isso não acontece. Com uma risada diabólica, Lírio reativa o satélite. — Graças à habilidade de meu sorridente amigo, o sistema foi acionado. Imagino que agora vocês ainda têm uns três minutos de vida. Boa viagem, meus amigos! — diz ela, triunfante.

No momento em que a imagem de Lírio some da tela de TV, vocês sentem que estão começando a congelar. A carne embaixo de suas unhas começa a ficar roxa e a respiração sai em sopros difíceis, soltando um vapor branco.

Como você está usando o macacão térmico, encontra-se em melhor forma que o restante da equipe. Seus colegas já estão tão congelados que nem conseguem se mover. Você é o único capaz de ligar o sistema de defesa.

— Consegui! — diz Mancha Solar com um arrepio. — Eu sei onde eles estão. Órion . . . acione o sistema de defesa.



## CAPÍTULO 4

Com a força que lhe resta, você empurra a alavanca que controla o sistema de defesa. — Eu con-se-gui! — você exclama, pouco antes de seu corpo adormecido cair no chão.

Vinte minutos depois, vocês três estão confortavelmente enrolados em cobertores. Você recusa a terceira xícara de chocolate quente que Annie lhe oferece. — O bando de Lírio e da SATAN está a 145 graus de longitude oeste e 70 graus de latitude norte — informa Mancha Solar.

— Isto seria no Alaska, no alto do rio Sheenjack. O esconderijo deles provavelmente está em algum lugar no declive noroeste do Monte Wannamak — diz Annie Âncora.

Você fica definitivamente impressionado com o conhecimento de geografia dela. E, apesar de Mancha Solar parecer meio palhaço e gozador, ele se transformou. Você tem o pressentimento de que ele vai ser um líder formidável.

— Apesar de tudo, esta missão já não parece perdida — você pensa mais tarde, quando a equipe está saindo da redoma do fundo mar. Como todos os aeroportos estão fechados por causa da nevasca, não há chance de usar o transporte aéreo comercial. Felizmen-

te, Annie voou para a reunião da Operação Picolé em seu avião particular, e deixou-o numa pista secreta, não muito longe da cúpula. Ela vai levar a equipe da AJA para a sede canadense, onde vai começar a viagem através do país, rumo ao norte.

Você engole mais um arrepio ao pisar cuidadosamente na pista congelada. A aeronave de Annie é um modelo do tempo das cavernas, e parece mais um espantalho do que um avião. A asa direita parece presa apenas por um arame e boa fé. — Pé-de-Chumbo, onde está você agora? — você murmura, entrando na cabine lotada.

— Não se preocupe. . . Eu tenho brevê e este bichinho já me salvou a vida algumas vezes — assegura Annie Âncora. Ela faz um sinal de positivo com a mão e aumenta a rotação do velho motor.

— Precisamos combinar nossos disfarces — grita o meteorologista, soltando uma risada estrondosa. — A SATAN não deve imaginar que estamos na trilha dela outra vez.

— Já está tudo arranjado. Somos compradores de arte à procura do artesanato esquimó. Eu falei com P.C. pouco antes de levantarmos vôo. . . teremos um trenó puxado por cães e todo o equipamento necessário à nossa espera quando aterrissarmos — responde Annie.

— Trenó puxado por cães? Você pirou? Precisamos chegar ao esconderijo da SATAN ainda neste século. . . não no próximo! — explode Mancha Solar. — E outra coisa. . . você não está seguindo as regras, fazendo planos sem me consultar. Preciso lembrar-lhe quem é o líder desta missão?

— Estou encarregada da sobrevivência no Ártico, então eu digo como viajamos — responde Annie calmamente.

— Vamos de trenó motorizado. Uma matilha de cães só consegue percorrer trinta quilômetros por dia, puxando uma carga de 250 quilos. Para percorrer mil quilômetros, levaria. . .

— Órion e eu vamos pegar o trenó. Você pode ir pulando pelas geleiras com uma vara de salto em altura, se quiser!

Você afunda o mais baixo possível no assento de couro rachado. Já houve alguns desentendimentos em suas missões anteriores, mas nada como isso. . . e P.C. está contando com você para que tudo corra normalmente. — Eu aposto que o pessoal encarregado do equipamento especial da AJA arranhou um jeito de acelerar os cães — você diz diplomaticamente, e em seguida tenta mudar de assunto: — Ei, aquilo lá embaixo não é um bando de veados?

Annie abre a janela e franze as sobrancelhas: — Caribus. . . mas nunca os vi assim tão ao sul nesta época do ano. Nós mal passamos a fronteira dos Estados Unidos com o Canadá.

— Obviamente, eles estão fugindo do clima fabricado pela SATAN — observa firmemente Mancha Solar.

Você suspira em silêncio. Aqui está você com dois agentes novinhos em folha que parecem odiar um ao outro. Precisa vencer 900 quilômetros de neve puxado por cães, ser mais esperto do que Lírio e ainda destruir a rede de controle do clima da SATAN. Seu futuro não parece muito promissor.

Felizmente, as fortes rajadas de vento exigem muita atenção da piloto Annie, e o resto da viagem corre relativamente em paz.

Pé-de-Chumbo está à espera quando vocês aterrissam na sede canadense da AJA. — Não há tempo a per-

der... seus disfarces estão esperando em Quonset no final da pista — ele lhe diz assim que você desce do avião.

Quinze minutos depois, sentindo-se mais calmo, você se junta outra vez aos agentes. Você gosta da sensação confortável da jaqueta de pele a prova d'água e dá uma pancadinha de satisfação na mochila de couro jogada sobre os ombros... Lá dentro, muito seguro, está seu computador para esta missão. Ele também foi camuflado. Se alguém olhar, vai pensar que é uma espécie de tótem esquimó feito com presas de morsa. Mas você sabe muito bem que este objeto é capaz de realizar os cálculos mais complicados. E os outros equipamentos desta missão parecem tão engenhosos quanto seu computador.

— Muito simpático este trenó — você sorri, congratulando-se com Pé-de-Chumbo.

— O povo aqui o chama de “komatik”. É realmente uma obra de arte. O corpo é de fibra de vidro e os esquis são de iconel — uma liga especial de metal, níquel e cromo — responde seu amigo orgulhosamente.

Aparentemente, Annie não compartilha de seu entusiasmo. — Os cães não parecem muito valentes — observa ela, grosseiramente. — Nenhum deles mexeu sequer um músculo nos últimos cinco minutos.

De repente você percebe que ela tem razão. Os graciosos malamutes brancos estão tão imóveis quanto esculturas de neve... não sai sequer a indispensável fumaça de vapor dos focinhos deles. — Eles não estão respirando?

— E eu estou vendo apenas cinco. Nós precisamos pelo menos de nove para puxar o equipamento pesado que trouxemos — continua a especialista em sobrevivência.

— Acredite, cinco podem fazer o serviço. Mas aqui está um estepe importante para o caso de haver alguma falha técnica — interrompe uma voz grossa. — Este é Mukluk, o cão líder da equipe.

O homem em pé atrás de você segura um cão esquimó siberiano brincalhão e muito bonito. O cachorro é tão impressionante que você quase não nota a presença do homem. Mukluk cheira suas botas e sacode o rabo como se você fosse um amigo de confiança. Seus grandes olhos azuis são vivos e inteligentes.

Pé-de-Chumbo acena com a cabeça e chama sua atenção novamente para o homem com o cachorro. — Pessoal, este é o agente K-9, nosso perito em cibernética e psicologia animal. Como vocês vêem, a combinação de seus talentos é perfeita para esta missão.

Você fica confuso. Está claro que K-9 é um especialista em bichos, mas o que isso tem a ver com cibernética? Cibernética, para você, é alguma coisa que tem a ver com o estudo de sistemas de comunicações eletrônicos e mecânicos. Encolhendo os ombros em sinal de dúvida, você se ajoelha e coça as orelhas de Mukluk: — E aí, garoto? Eu bem que gostaria de ter um cachorro como você em casa.

A resposta é uma lambida gostosa em seu rosto.

— Bem, pelo menos este tem mais vida do que os outros — diz Annie, desconfiada.

A risada estrondosa de K-9 ecoa através do ar gelado. — Pode dizer isso outra vez! Muk é meu experimento preferido. E tenho que admitir que me deixei levar por este modelo. — Ele coça o queixo pensativamente e surge um ar de preocupação em seus olhos. — Já que ainda não terminei todos os testes, não estava querendo que ele fosse nesta missão. Mas vocês podem precisar da ajuda dele... Ele tem algumas funções especiais que os outros não têm. Mas não se preocupem,

pois ele se dará bem com os outros. São todos do mesmo modelo básico — conclui o treinador.

— Modelo? Você quer dizer raça... — diz Mancha Solar, totalmente confuso.

— Pé-de-Chumbo não avisou a vocês que os cães são robôs? — pergunta K-9, quase morrendo de rir. — Esses bichinhos puxam uma carga de 350 quilos a uma velocidade média de 80 quilômetros por hora... e se a distância for pequena, fazem 120 por hora em marcha acelerada.

— É, eu nunca poderia imaginar! — Annie grita indignada. — Chefe, você não espera que eu dirija uma equipe de... máquinas peludas!

— Você queria um trenó... agora tem! — diz Mancha Solar, com um olhar de satisfação.

Pé-de-Chumbo lhe dirige um olhar questionador. Você responde encolhendo os ombros sem esperança.

— Pelo menos você conseguiu a barraca térmica que eu pedi, não conseguiu, chefe? — pergunta Annie Âncora em tom meio desafiador.

— Não necessariamente. Quando você ligar os circuitos dos cães-robôs A, B e C aos cabos dos esquis do trenó, eles criam um campo de força que vai protegê-la dos fenômenos atmosféricos. Você não vai precisar de nenhuma barraca, nem de lenha. E assim, a carga do trenó fica mais leve... — diz K-9.

— O que você acha disso, Annie? Sejam bem-vindos ao Século XXI — diz Mancha Solar, rindo para valer.

A mulher magra lança um olhar furioso para ele.

— Dê uma chance aos cães-robôs, Annie. Antes do final da missão, certamente você estará apaixonada por eles... principalmente pelo Muk — diz o psicólogo de animais.

— Hmmpf! É mais fácil o mar secar do que eu morrer de amores por um vira-latas mecânico.

Pé-de-Chumbo fica meio embaraçado com a situação, mas logo se recompõe e tira do bolso um caderninho de anotações. Da posição em que está, só você pode ver que as folhas estão em branco. — Eu sei que vocês não precisam disso, mas este é um procedimento obrigatório antes de cada missão. Já que por enquanto sou o chefe, gostaria de seguir rigorosamente as regras. Agora levantem suas mãos direitas para o juramento oficial — diz ele, antes de fingir que está lendo. — Daremos o melhor de nós mesmos nesta missão. Por isso, vamos trabalhar juntos, com amizade e respeito mútuo, sem permitir que diferenças pessoais interfiram em nosso trabalho.

Assim que cada um de vocês jura solenemente, Pé-de-Chumbo entrega outro bloco de anotações para Mancha Solar. — Aqui está tudo o que sabemos sobre a operação de Lírio. As frentes frias da SATAN estão ocorrendo em intervalos de oito horas, mas fique atento que pode haver alterações. O campo de força dos cães-robôs vai protegê-los do frio. Mas, se houver ventania e tempestades, procurem um abrigo sólido. Agora, podem ir. E façam o melhor possível! — O chefe em exercício se despede solenemente de cada um de vocês.

Annie dirige o trenó pela Trilha Dawson com muita tranquilidade. Após uma hora de gélido silêncio, ela desabafa: — Me desculpe se tenho sido um pouco petulante. Acho que é nervosismo de primeira missão — admite ela.

— Eu também não tenho sido muito legal. . . É que também sou novato nessas transas da AJA — responde o meteorologista. — Mas, com a sua ajuda e a de Órion, vou mostrar que não sou apenas um palhaço fazendo previsão do tempo na TV.

— Pé-de-Chumbo, você é fantástico — você mentalmente cumprimenta seu amigo. Em seguida, dá uma

boa respirada para curtir o ar puro. No entanto, uma dúvida fica em sua cabeça: será que a trégua entre Annie e Mancha Solar é para valer ou tudo não passa de papo furado, e daqui a pouco vocês três estarão outra vez às turras?



## CAPÍTULO 5

Alaska. O simples nome ecoa na vastidão do deserto. O trenó corre sobre a crosta nevada das planícies do norte, e apenas o som triste do vento e o ruído dos esquis quebram o silêncio.

Essa tranqüilidade sinistra separa você do resto do mundo, e o peso do equipamento que está na mochila incomoda suas costas. Você encara seus companheiros, a fim de que pinte algum papo. Mas Mancha Solar está absorto no bloco de anotações que Pé-de-Chumbo lhe deu. E Annie parece perdida em seus próprios pensamentos. De vez em quando, seu rosto revela uma rápida careta, e ela se abaixa para friccionar os pés.

O silêncio é tão profundo que as batidas de seu coração parecem trovoadas em seus ouvidos. — Por que essas colinas são tão desertas? Eu pensava que houvesse pinheiros e arbustos por aqui — você diz a Annie, mais para ouvir alguma voz do que para receber uma resposta.

— Esta é a “tundra”. . . o nome vem de uma palavra russa que significa “onde não existem árvores” — responde ela. — Embaixo deste solo há uma camada congelada chamada “subsolo permanentemente congelado”, com uma espessura de 300 metros. As raízes não têm como se fixar aí.

— Você quer dizer que este lugar é sempre assim?

O rosto da mulher escurece como se uma nuvem de tempestade tivesse parado em cima dela. — Não nesta época do ano. Você precisava ver isto aqui antes de a SATAN começar essa história de controle do tempo. Os arbustos eram floridos ao longo das margens do rio Sheenjack, e as planícies eram cobertas de grama verde e flores do campo. Ela pára de falar bruscamente, no momento exato em que um rochedo cai à sua direita. — Eia, cães! — ela grita, tentando desviar o trenó para a esquerda.

— Os cães não atendem a comandos de voz humana. Se você quer que eles virem para a esquerda, o único jeito é empurrar a alavanca de comando. . . — diz Mancha Solar, levantando os olhos de seus papéis.

— Eu sei — diz a piloto, empurrando a alavanca. E em tom de desculpa, acrescenta: — É que ainda não me acostumei com esses cães de mentira. Acho que preferia uma matilha de cães de carne e osso. . .

— Bem. . . mas preste atenção em seu trabalho. Não podemos correr esse tipo de risco — diz o líder da missão.

Você tem certeza de que o rubor que de repente cobre o rosto de Annie não é causado apenas pelo frio. Ela morde o lábio inferior, depois volta-se para você. — Bem que eu gostaria que o K-9 tivesse programado esses vira-latas de mentira para latir. Não há nada mais gostoso do que dirigir um trenó puxado por uma matilha barulhenta de malamutes.

Nesse momento, você percebe que Mukluk começa a sacudir seu rabo peludo. Sem parar de correr, ele levanta o focinho para o céu e solta uma alegre seqüência de latidos. Um por um, os outros cães fazem o mesmo. Por um segundo, vocês ficam apenas escutando, incrédulos. Então estouram numa gargalhada. O

coro de latidos reproduz exatamente uma alegre canção folclórica.

— Este Muk é um cachorro muito esperto — você diz, carinhosamente.

— Tratem de desligar esse treco! Estamos numa missão da AJA e não num show de música! — diz Mancha Solar, ríspido.

Você não entende por que é que ele tem que ser sempre tão desmancha-prazeres. Mas basta uma rápida olhadela em sua testa para perceber que ele está realmente preocupado.

— Está tudo muito divertido, mas temos que chegar a Oomiak, um povoado no declive sul do Monte Wannamak, antes que a próxima onda de frio da SATAN chegue. Deve haver uma passagem secreta que liga a vila ao outro lado da montanha. Se a gente conseguir convencer um guia nativo a nos mostrar o caminho, poderemos passar escondidos pelo esconderijo da SATAN, sem. . .

— Oomiak? O lugar é deserto — interrompe Annie.

Mancha Solar agita o bloco de anotações. — Engano seu. Aqui está escrito que no mês passado um piloto da AJA, camuflado, desceu lá para abastecimento.

— Isso foi antes de começar toda essa história. Há uma semana, ou pouco mais, dois dos moradores mais velhos da cidade sumiram sem deixar qualquer pista. Surgiu uma onda de boatos sobre antigos espíritos diabólicos, e os habitantes da vila mudaram para Deadhorse.

— Aposto dez contra um como isso foi coisa da SATAN — murmura você.

O chefe da missão fecha o bloco de anotações. — É um problema terrível. Como vamos conseguir chegar até lá sem um guia?

— E eu, não sirvo para nada? — o tom da voz de Annie agora é furioso. — Conheço esta região como a palma da minha mão.

— Não leve a mal — diz Mancha Solar rapidamente. — A próxima onda de frio não demora mais do que duas horas. Mas não custa nada a gente se certificar. Annie, pare o trenó assim que a gente atravessar o rio. Eu quero instalar meu equipamento meteorológico para obter algumas informações.

— Para quê? Eu posso lhe garantir que vem tempestade por aí. E é das grandes. . . meus tornozelos estão doendo há vinte minutos!

O meteorologista grita: — Acorde, mulher! Estamos no século XX. Em vez de tornozelos, usamos barômetros.

Você vê alguma coisa à frente dos cães que o faz parar de prestar atenção na discussão. O leito congelado do rio Sheenjack tem alguma coisa estranha. . . é mais escuro no centro do que nas margens. — É melhor reduzirmos a velocidade. O gelo parece que está mais fino aí adiante — você avisa.

Suas palavras se perdem no meio de violentos estouros. O gelo começa a se partir embaixo das patas dos cães.

— Eia! — Annie puxa as rédeas para trás brusca-mente, no momento em que uma cratera se abre bem em frente ao trenó.

A matilha afunda os pés no gelo, mas já é muito tarde. . . Muk e os outros cães de ponta mergulham no rio gelado. Os cães que ficam mais perto do trenó oscilam na beira do buraco.

— Saltem! — grita Annie, mas não há tempo de abrir o cinto de segurança que prende a equipe da AJA aos trenós.

Você respira fundo, imaginando por quanto tempo

vai conseguir segurar a respiração antes que seus pulmões se encham de água congelada. Seus dedos agarraram firmemente a alça de sua bolsa de couro. . . não importa o que aconteça, você precisa proteger o computador-tótem. Perdê-lo seria quase tão ruim quanto se afogar.

— Vire os manetes para a direita — explode Mancha Solar.

Com toda sua força, Annie gira os manetes. Inacreditavelmente, os esquis do trenó se retraem e uma balsa de borracha começa a inflar embaixo dele.

— Bem, eu nunca poderia imaginar — murmura a especialista em sobrevivência, um tanto fraca, enquanto, em vez de um banho gelado, a equipe da AJA curte um breve passeio sobre as águas do Sheenjack.

Atingir a margem do rio parece o aportar no paraíso. Annie esvazia a balsa e os cães se amontoam na beira. No momento em que você salta do trenó para junto de um tufo congelado de capim, suas pernas estão tremendo. Mas seu ânimo está em alta. . . O equipamento especial da AJA nunca deixa ninguém na mão.

Mancha Solar imediatamente se ocupa dos sensores do tempo e Annie tira algumas coisas de sua bolsa de couro. — É melhor comermos qualquer coisa. . . Encarar essas situações perigosas dá fome! — Um pouco da cor natural volta à face aflita dela, que acrescenta: — Gostaria de ter tempo para pescar. Vocês não terão vivido até que tenham provado salmão fresco grelhado numa fogueira.

Você fica com a boca cheia d'água. . . lembra do cachorro-quente que ia comer na praia e de repente está morrendo de fome. No entanto, não fica nem um pouco emocionado com a aparência das tiras marrons que Annie lhe oferece.

— O que é isso? — você pergunta, depois de uma primeira e cautelosa mordida. A substância é mais dura do que um tênis e tem gosto ruim.

— Ração para alces. . . Enquanto você estava ocupado com o computador, eu preparei uma comida especial. . . uma mistura energética de germe de trigo, rim de caribu frito, gordura de baleia congelada e um pouquinho de mel para temperar — sorri Annie.

— É gostoso — você diz, quase vomitando. Ajoelhando-se ao lado do cão líder, você checa uma ponta solta de seu arreio, esperando que Annie não perceba que isso é um truque para esconder o mingau num monte de neve — É estranho. . . esta fivela parece exatamente com uma interface de computador — você comenta.

— Eu não sei lá grande coisa sobre estas geringonças sofisticadas, mas não importa o que seja, eu nunca mais vou falar mal do equipamento da AJA — responde Annie devagar. — A propósito, Mancha Solar, desculpe por eu ter sido tão teimosa. Se não fosse você, estaríamos cheios de problemas.

— Não se desculpe. . . apenas chute-me se eu ridicularizar seus pés outra vez — responde Mancha Solar, ao mesmo tempo em que sua face torna-se sombria. — Seus tornozelos acertaram na mosca. . . temos mais ou menos meia hora antes de sermos atingidos por uma enorme onda de frio da SATAN!

— Devemos reunir os cães? — você pergunta.

O líder da missão sacode afirmativamente a cabeça. — Precisamos de um abrigo sólido. Se não chegarmos a Oomiak logo, nossos corpos só serão encontrados na próxima primavera, quando o gelo derreter.

— Não há problema. . . É só acelerar os cães-robôs — diz Annie, cheia de confiança.

— Negativo. Eles não podem ficar em marcha acelerada mais do que cinco minutos consecutivos. Tem alguma idéia brilhante, Órion?

— Poderíamos desligar os circuitos da cabeça dos cães e desviar a energia deles para as pernas — você responde, como se estivesse pensando em voz alta.

— Não custa tentar — concorda Mancha Solar, chamando Muk com um assobio.

— Não ele! — As palavras quase que explodem de sua boca. O plano é arriscado e você não quer que a cobaia seja justamente o líder da matilha de cães-robôs. — Precisa de ajuda? — você pergunta, enquanto o meteorologista levanta a pele sintética que encobre os complicados mecanismos internos do cão A.

— Sou engenheiro mecânico, lembra-se? Não sei muito sobre computadores, mas posso ajustar qualquer coisa — gaba-se Mancha Solar, tirando o pó das mãos ao terminar o trabalho.

Nos primeiros segundos, o cão A não tem nenhuma reação diferente. Mas logo depois parece que se torna selvagem: gira em grandes círculos na neve e solta latidos que percorrem toda a escala musical. Quando chega a um dó agudo, levanta a cabeça e uiva para o céu.

— Desligue isso . . . Diabo de vira-latas mecânico! — Annie grita para o robô enlouquecido.

— Para trás! — você grita, obedecendo a instintivos sinais de perigo.

Você não imaginava que Mancha Solar podia ser tão rápido. Num salto, ele agarra Annie e os dois rolam na neve e dois segundos antes de o robô explodir.

— Obrigada, chefe . . . fico lhe devendo essa — murmura a especialista em sobrevivência.

— É minha obrigação — respondeu ele. — E agora é com você, Órion. Quando K-9 projetou os cães, deve ter feito todas as funções interdependentes . . .

— Você quer dizer que não pode desligar uma delas sem prejudicar outra? — pergunta Annie.

— Exatamente. Não vai adiantar nada desligar os circuitos de aquecimento. Precisamos aumentar a velocidade sem usar a energia que é utilizada para evitar que os robôs congelem. Se o trenó não estiver de volta à trilha em três minutos, estamos perdidos. Precisamos descobrir a combinação certa dos fatores e reprogramar os cães. Órion, você pode ajudar?

Flocos de neve do tamanho de moedas começam a cair do céu cinzento. Enquanto tira seu computador-tótem da mochila, você ouve um ruído, como se fosse um trem de carga se aproximando. O som faz com que seu sangue fique congelado.

— Que barulho é esse? — você pergunta, sem tirar os olhos do teclado do computador.

— O vento . . . está aumentando . . . não temos tempo a perder — diz Mancha Solar.

Você trabalha no desespero, tapando os ouvidos para não ouvir a tempestade que se aproxima, e tentando não pensar no que vai acontecer se falhar.

Você tem um problema e tanto na mão! Precisa obter velocidade dos cães, senão todo mundo morre congelado. Mas velocidade consome muita energia. Muita energia pode virar o trenó ou prejudicar o funcionamento dos cães. Tem que pensar também na relação peso/consumo de energia. Precisa garantir energia para transportar ao menos vocês três no trenó. E também há o sistema de direção. Ele também consome energia e tem que ser bastante preciso. Qualquer erro, e vocês saem da rota. Mas, seja como for, você precisa resolver logo esse pepino.

Rapidamente, você cria um programa considerando todos esses fatores e checa os resultados.



*Digite o seguinte programa em seu computador e execute-o. Funciona como um jogo de adivinhação. Introduza a velocidade, o peso e os fatores de direção que você acha que irão funcionar. Em seguida, rode o programa e veja o que acontece. Boa sorte! A linha 320 deve ser digitada em uma única linha no seu micro.*

## **PROGRAMA 2**

```
100 REM TRENO  
110 DIM T(4)  
112 DIM P(5)  
114 DIM V(5)  
120 LET P(1) = 21  
122 LET P(2) = 495  
124 LET P(3) = 8  
125 LET P(4) = 68  
127 LET P(5) = 690  
130 LET V(1) = 480  
132 LET V(2) = 5  
133 LET V(3) = 75  
134 LET V(4) = 78  
135 LET V(5) = 33  
137 HOME  
140 PRINT "PARAMETROS ATUAIS:"  
150 PRINT  
160 LET VT = 3  
165 LET HT = 1  
167 GOSUB 910  
170 GOSUB 500  
180 FOR VT = 3 TO 6  
185 LET HT = 13  
190 GOSUB 910  
200 PRINT P(VT - 2)  
210 NEXT VT
```

```

220 PRINT
225 PRINT
230 PRINT "NOVOS PARAMETROS:"
235 PRINT
240 GOSUB 500
250 FOR VT=11 TO 13
255 LET HT=13
260 GOSUB 910
270 INPUT PX
272 LET P(VT-10)=PX
280 NEXT VT
290 LET T(1)=P(1)*5
300 LET T(2)=P(2)*.5
310 LET T(3)=P(3)*10
320 LET P(4)=INT((P(5)-(T(1)+T(2)
      +T(3)))/3)
330 LET VT=14
332 GOSUB 910
334 PRINT P(4)
340 LET X=0
350 PRINT
355 PRINT
360 IF P(2)=\V(1) THEN GOTO 370
365 LET X=1
367 PRINT "VOCE CAIU DO TRENO"
370 IF P(3)=\V(2) THEN GOTO 380
375 LET X=1
377 PRINT "VOCE SAIU DA TRILHA"
380 IF P(4)=\V(3) THEN GOTO 390
385 LET X=1
387 PRINT "O CAO MORREU CONGELADO"
390 IF P(4)\=V(4) THEN GOTO 400
392 LET X=1
395 PRINT "O CAO SE AQUECEU DEMAIS"
400 IF P(1)=\V(5) THEN GOTO 410

```

```

405 LET X=1
407 PRINT "VOCE ESTA MUITO DEVAGAR"
410 PRINT
420 IF X=0 THEN GOTO 470
430 PRINT
435 PRINT "QUER TENTAR NOVAMENTE (S/N)";
440 INPUT Y$
450 IF Y$="S" THEN GOTO 130
460 STOP
470 PRINT "VOCE VAI CONSEGUIR"
480 STOP
500 PRINT "VELOCIDADE ="
510 PRINT "PESO ="
520 PRINT "DIRECAO ="
530 PRINT "TEMPERATURA ="
540 RETURN
910 HTAB(HT):VTAB(VT)
920 RETURN

```

SINCLAIR	APPLE	RADIO SHACK		IBM
ZX-81	Apple II	TRS-80	Color	PC
	↙			

*Este programa rodará em todos os micros da família Apple II e seus compatíveis. Para adaptá-lo aos computadores das linhas Sinclair, Radio Shack e IBM-PC, consulte o Manual de Referência, página 107.*

## CAPÍTULO 6

Você conseguiu! Com os cães-robôs e o trenó reprogramados, a equipe da AJA percorre os 90 quilômetros até Oomiak sem desperdiçar um segundo. Quando Annie dirige o trenó para a rua principal da vila de esquimós abandonada, a tempestade já está começando a queimar a pele de vocês.

— Mantenham suas bocas protegidas, e, o que quer que façam, não respirem muito fundo — a voz da motorista sai abafada através da jaqueta a prova d'água. — Cristais de gelo podem se formar no ar... e esses microcanivetes podem cortar o tecido dos pulmões como...

— Já deu para sacar! — murmura Mancha Solar, passando as mãos protegidas por luvas sobre o nariz. Ele fica espantado ao ver o conjunto de pequenas cabanas ao longo da rua. — A maioria dessas choupanas está em declives... elas não resistem a um espirro, imagine às rajadas de um furacão. Onde estão os iglus?

— Qualquer amador que ande por aqui espera encontrar casas feitas de cubos de gelo — diz Annie suspirando. — O único iglu do Estado está em Nome. Foi construído por um grupo de escoteiros, por diversão... mas sei de uma caverna que podemos usar.

— Bem, é melhor nos levar até lá antes que a tempestade de neve nos engula. . .

Depois de cinco minutos de descida na trilha, abre-se uma entrada de caverna na montanha. De cada lado da entrada, que parece a boca de um gigante, há um tótem onde olhos arregalados de aves e bestas imaginárias brilham ferozmente.

— Isso é assustador mesmo — você murmura. Os raios das três lanternas juntos mal conseguem iluminar a escuridão. . . e, para piorar, as baterias de Mancha Solar estão fracas.

Mas logo o equipamento está protegido e Annie acende uma fogueira no meio da caverna. E você começa a se sentir melhor. O calor não é tanto quanto vocês conseguiriam com o campo de força dos cães-robôs, mas você não pode ter tudo. Os valentes maļamutes já fizeram a parte deles trazendo vocês até aqui.

— Que lugar é esse? — você pergunta, olhando nervousamente à sua volta. No movimento de luzes e sombras provocado pelas chamas, sua imaginação vê os vultos de guerreiros mortos há muito tempo.

— Isto aqui era usado para rituais dos nativos do Alaska. Antigamente, essa caverna era um tabu para os moradores de Oomiak. Mas hoje em dia ninguém mais se importa com isso. — Os olhos castanhos de Annie brilham pensativamente à luz do fogo, e ela continua: — Algumas pessoas ainda tomam cuidado com esta região. Durante a corrida do ouro, uma dupla de mineiros descobriu um veio muito rico perto daqui. Os nativos recomendaram que eles evitassem esta caverna, mas os tolos não deram bola. Seus corpos foram. . .

— Deixe essas histórias de fantasmas para amanhã, durante o dia. Precisamos descansar — interrompe Mancha Solar, acrescentando em seguida: — Este lugar

já me causa arrepios. Se um morcego voasse agora, eu provavelmente teria um ataque cardíaco!

Você preferia que ele não tivesse falado nada. Movendo-se lentamente para perto do fogo, você fica muito agradecido quando Mukluk caminha e senta ao seu lado. Mesmo com a certeza de que não vai sequer piscar, e muito menos fechar os olhos para dormir, você se ajeita ao lado do cão e usa o rabo peludo dele como um cachecol.

— O que foi isso? — Você acorda uma hora depois, ouvindo um barulho agourento. Seria uma manada de ursos ou espíritos do além? Seja o que for, você está assustado.

Annie ergue-se imediatamente. — Avalanche! — ela grita. — Fiquem longe da entrada da caverna!

Ela não precisa falar duas vezes. Vocês três se encostam contra a parede, ao mesmo tempo em que toneladas de neve fecham a entrada da caverna.

— Caímos numa armadilha — diz Mancha Solar com uma expressão soturna, enquanto começa a diminuir o barulho de rochas e gelo caindo.

— Não necessariamente. — A expressão da perita em sobrevivência é razoavelmente tranqüila. — Enquanto vocês dormiam, eu investiguei um pouco em volta. Há um túnel no fundo da caverna. Na verdade, a montanha toda está cortada por túneis das minas de ouro. Uma delas pode ser, inclusive, a trilha secreta mencionada no bloco de anotações.

— Bem, então vamos. . . é a única chance que temos. — Mancha Solar rapidamente coloca parte do equipamento em sua mochila. — É melhor deixar o trenó e os cães-robôs aqui. Nós não queremos. . .

O resto da frase é abafado pelos latidos do cão líder. . . Está claro que Mukluk não pretende deixá-los partir sem ele.

— Seria bom termos Muk por perto em caso de algum apuro — você argumenta. — Vamos supor que a gente dê de cara com um bando de animais selvagens.

— Está bem, mas tire-o do caminho — diz o chefe da missão.

— Estes túneis antigos são um verdadeiro labirinto. É bom marcarmos nossa trilha de alguma maneira, para evitar que a gente ande em círculos. Se a gente tivesse giz. . . — diz Annie.

— Eu tenho coisa melhor. Sempre carrego isso em meus bolsos. . . nunca se sabe quando a gente vai precisar. — Mancha Solar tira do bolso um punhado de alfinetes fosforescentes, daqueles que ele normalmente usa para ilustrar os mapas do tempo em seu programa de televisão. — Vamos usar esses com desenhos de raios do Sol para marcar as passagens seguras. E, quando tivermos alguma dúvida, colocamos esses com desenhos de relâmpagos.

No começo, o túnel é grande e vocês podem andar de pé. Mas aos poucos ele vai estreitando, e vocês já estão rastejando de joelhos. O ar úmido torna-se cada vez mais gelado. A cada respirada, seus pulmões enchem-se um pouco mais de pó e. . . de medo.

Você ouve um barulho de metal raspando nas paredes, e em seguida um xingamento abafado. — A lanterna, Órion. Eu abri uma fenda nas rochas — diz Annie, meio assustada.

— Temos que voltar. Tem alguma coisa bloqueando a passagem e eu. . . — Mancha Solar eleva a voz e solta um grito abafado. — Estou preso. . . e as paredes estão desmoronando! Não se preocupem comigo, tratem de salvar a pele!

— De jeito nenhum! — Annie agarra um dos calcanhares dele e você o outro, mas o esforço só piora as coisas. A terra ronca ameaçadoramente e o que era

um pouquinho de lama se transforma num verdadeiro rio.

Antes que você tenha tempo de ficar em pânico, Mukluk estica seus músculos de metal e salta para junto do líder da missão. Com as patas dianteiras, ele cavouca rapidamente para livrar Mancha Solar do bloqueio.

— Estou sentindo uma brisa no rosto. Muk deve ter cavocado até outro túnel! Segure-se firme, Mancha Solar. . . você está salvo! — grita Annie, eufórica.

Enquanto você a ajuda a puxar o líder da missão através do buraco que o cachorro cavou, o solo treme tão violentamente que você perde o equilíbrio. Você não se machuca, mas a preciosa lanterna elétrica escapa de seu bolso e voa pelo túnel. Com um barulho de curto-circuito, ela bate na parede de granito e queima.

O raio de luz da lanterna de Mancha Solar não ilumina mais do que um palito de fósforo. A escuridão ao redor é total, e a sensação de medo causa um suor frio e arrepios em sua espinha.

— Isto não é túnel de mina antiga, não — diz Annie, andando a passos largos em direção à parede e friccionando-a com a palma de sua luva. — Olhe para isto. . . aço sólido! Ilumine aqui com a lanterna, Mancha Solar. Eu acho que há uma porta aqui.

Mukluk começa a rosar e anda impaciente em sua direção.

— Bem, já que não há como voltar e não há outro divertimento no pedaço, só nos resta tentar abrir esse treco — diz Mancha Solar, examinando a parede. Com a mão, ele mexe numa espécie de alavanca escondida, e você não consegue acreditar no que vê. Uma chapa de metal abre-se na parede suja e revela o conhecido distintivo da SATAN, com uma seta apontando certamente para uma passagem eletrônica.

— Ei, garoto, acho que acabamos de encontrar o



porão da SATAN. E acredito que aquilo seja uma cadeia de terminais de computador. Se isto controla a porta, acho que sou capaz de nos tirar daqui. — Sua voz está exultante, pelo menos há alguma coisa neste lugar deserto com a qual você sabe lidar. Você pega rapidamente seu computador-tótem e o conecta ao terminal, respirando aliviado quando os caracteres familiares brilham na minitela. Está funcionando! Com confiança, você digita o comando para obter o diretório do disco e consegue uma listagem bastante completa. Entre os itens da lista estão OPENDOOR.MOC e TRASH.COM.

— Eu consegui a listagem que vai abrir a porta — você diz.

A esta altura, os latidos de Muk estão no volume máximo. Ele pára um pouco para puxar seu braço com os dentes, fazendo muita força, depois continua a latir. — Pare com isso, Muk, estou ocupado — você reclama.

*Introduza o seguinte programa em seu computador e liste-o. Você é capaz de descobrir a palavra-chave?*

### PROGRAMA 3

```
100 REM EDOC
120 LET S$="SATAN"
130 PRINT "DIGITE A SENHA ";
140 INPUT P$
150 IF LEN(P$) <> LEN(S$) THEN GOTO 240
160 FOR I=LEN(P$) TO 1 STEP -1
170 LET X$=MID$(S$,I,1)
180 LET Y$=MID$(P$,LEN(S$)-I+1,1)
190 IF Y$<>X$ THEN GOTO 240
200 NEXT I
```

**230 PRINT-**  
**235 PRINT "ACESSO PERMITIDO."**  
**237 STOP**  
**240 PRINT "ACESSO NEGADO."**  
**250 PRINT**  
**260 PRINT "B U U U U M . . ."**  
**270 STOP**

SINCLAIR	APPLE	RADIO SHACK		IBM
ZX-81	Apple II	TRS-80	Color	PC
	↙	↙	↙	↙

*Este programa rodará em todos os computadores assinalados na tabela e seus compatíveis. Para adaptá-lo aos micros da linha Sinclair, consulte o Manual de Referência, página 108.*

Você está a ponto de processar o programa, mas Mukluk não o deixa prosseguir. A persistência dele faz com que você desconfie. . . será que seu amigo mecânico está querendo lhe dizer alguma coisa?

Como se não bastassem todos os problemas, a lanterna de Mancha Solar finalmente pifa. A única coisa que existe entre você e a escuridão total é a luz esverdeada e brilhante da tela do computador.

— Está tudo muito fácil. . . Lírio não parece ser do tipo que esquece de detalhes de segurança. . . — você diz, enquanto seu dedo fica parado no ar, indeciso sobre a chave de retorno.

— Vá em frente. Pior do que estamos, não vamos ficar — diz Mancha Solar.

Será que seu líder destemido está certo, ou um simples movimento de seu dedo acabará definitivamente com mais esta missão da AJA?

De repente, você tem uma idéia. Há um detalhe sobre o programa. Você acha que descobriu o que é, mas é pouco provável. Com o coração na boca, você decide arriscar.

*Você é capaz de descobrir qual é o detalhe que está faltando no programa? Se tem certeza de que sabe o segredo, processe o programa agora! Se tiver dúvidas, consulte o Manual de Referência, página 108.*

## CAPÍTULO 7

— Graças a Deus, você descobriu a tempo a armadilha de Lírio, Órion. Não fosse isso, e seríamos reduzidos a pó pelos explosivos que estavam presos naquela porta — diz Annie.

Vocês três aguardam nervosamente, enquanto Mukluk salta a entrada e fareja pelos corredores mal iluminados da SATAN.

— O mérito maior é do Muk — você responde, sem falsa modéstia.

O cão-robô solta um latido baixo, movimentando alegremente o rabo. É o sinal de que está tudo bem, vocês podem entrar com segurança.

A sala em que você entrou parece uma adega, com prateleiras que vão do chão até o teto, cheias de garrafas verdes e sujas. Há também barris amontoados junto a uma parede, todos com a inscrição “Vinho SATAN”.

— Esse pessoal realmente não está a fim de passar sede, não é? — observa Mancha Solar, pegando um pequeno cubo de metal de sua mochila.

— O que você vai fazer? — você pergunta, curioso, enquanto ele tira a capa do aparelho e começa a mexer num minúsculo monitor.

— Isto é um termógrafo. Tem sensibilidade suficiente para detectar o calor humano numa área de três

quilômetros. Este treco vai nos dizer quantos agentes da SATAN estão neste esconderijo, onde eles estão e até a cor da roupa que estão usando! Assim, não vamos ter nenhuma surpresa ao sair desta adega.

À medida que Mancha Solar vai examinando o monitor, a expressão confiante de seu rosto vai mudando e se transforma em perplexidade. Ele reajusta alguns fios de conexão e lê o monitor outra vez. Então balança a cabeça em sinal de frustração. — Além de nós, não há nenhuma outra alma viva por aqui. Chegamos tarde. . . Lírio deve ter conseguido completar seus planos e acionou a operação final.

— Pelo menos, podemos dar uma inspeção geral no esconderijo sem ninguém da SATAN para nos atrapa-lhar — sugere Annie. — Já que não sabem que estamos atrás deles, não devem estar preocupados. Aposto que vamos encontrar pistas para saber aonde eles foram.

— É curioso que eles não tenham se preocupado em levar seu equipamento com eles — diz Mancha Solar, tirando o pó de uma garrafa de vinho e estudando o rótulo antes de colocá-la na mochila.

Com a mão erguida, ele faz um sinal e recomenda à equipe da AJA que se encaminhe para a saída da adega: — Ei, pessoal. Vamos com cuidado aí fora.

Do outro lado da adega há uma plataforma quadrada, entre dois lances de escada. É por uma escadaria escura, ladeada por uma cortina de veludo com listras tipo pele de tigre, que se chega ao outro andar. Vocês estão apenas no terceiro degrau quando a porta que tinham acabado de cruzar fecha-se com um barulho estridente. Annie vira-se e bate na porta, tentando abri-la.

— Uma possibilidade de fuga a menos, pessoal. . . esta fechadura está mais trancada do que os cofres do Tesouro Nacional — ela diz, em tom sério.

Vocês se aproximam mais uns dos outros, e estão na metade da escada quando ouvem um estalo, acompanhado de um chiado forte. As cortinas de tigre se abrem e do teto começam a brilhar várias luzes.

Mancha Solar resmunga; Annie solta um grito e Muk deixa escapar um latido espantado — todos ao mesmo tempo. Você não consegue emitir som nenhum. Sua garganta está tão gelada de medo que não deixa passar nem mesmo um suspiro. À direita da escada, três esqueletos humanos estão em pé e parecem sorrir para vocês.

Após um minuto em que todos os corações pareciam parados, o meteorologista coloca a mão no corrimão, e o líder dos esqueletos imita seus movimentos. — Não deixem que esse pequeno espetáculo os assuste, gente. É apenas mais um dos truques sujos da SATAN — a voz de Mancha Solar é trêmula mas aliviada. — A parede é uma espécie de raio X. Lírio está querendo nos assustar com a imagem dos nossos próprios esqueletos.

Você sacode um braço para testar a teoria do líder da equipe. Sem dúvida, o pequeno esqueleto do meio faz o mesmo gesto. Olhando mais de perto, você consegue distinguir a marca de uma fratura que adquiriu ao cair de uma árvore quando era pequeno. — Este espelho seria uma máquina de fazer dinheiro num parque de diversões — você brinca, falando baixinho. — Mas não consigo imaginar por que a SATAN teve todo esse trabalho.

— Acho que eles também precisam de um pouco de diversão durante o inverno do Ártico. As pessoas inventam coisas estranhas para encher noites que duram cinco meses — reflete Annie, seguindo os passos de Mancha Solar através da porta que há no alto da escada. — Ou então isso é uma espécie de oficina de testes dos truques sujos da SATAN. Espero que não haja mais

nenhuma dessas brincadeiras aqui em cima. Só esta já me proporcionou no mínimo cinco fios de cabelo branco!

Ninguém imagina até que ponto está certa a teoria da especialista em sobrevivência. Mas, quando vocês chegam ao centro do misterioso aposento do andar superior, luzes de todas as cores começam a piscar e vocês percebem que o lugar está pintado com cores extravagantes, como um salão de baile de carnaval.

— A impressão é que um bando de palhaços pirou por aqui — diz Annie, mal acreditando na decoração fantástica que seus olhos vêem. — Não leve a mal, Mancha Solar — acrescenta ela com um sorriso maroto.

O som repentino e violento, parecido com um clarim de banda, abafa a resposta de Mancha Solar. No momento em que a música pára, a parede em sua frente desliza para revelar uma gigantesca tela de TV.

— Bem-vindos à Casa Mal-Assombrada da SATAN, forasteiros. Da maneira inteligente que evitaram nossas pequenas armadilhas, devo concluir que são agentes da AJA. — É uma imagem de noventa centímetros do rosto de Lírio que os cumprimenta. — É claro que estou desapontada com o fracasso, mas isso não é nada. . . tenho outros planos para vocês.

Os lábios da mulher revelam um sorriso maldoso, e ela continua: — Até agora, a Casa Mal-Assombrada servia apenas para nosso uso interno. Parabéns, então. Vocês são o primeiro grupo de agentes da AJA que está aqui como nossas víti. . . quero dizer, nossos hóspedes.

Você engole em seco.

— Já que a AJA é tão bamba em escapar de armadilhas, inventei umas novidades para vocês. Vocês não vão sair vivos da Casa Mal-Assombrada, mas sinceramente espero que nos proporcionem um pouco de diver-

são. Vocês não têm idéia de como é chato esse mundo só de neve. . . — Ela se recosta na cadeira com braços que imitam leopardos; um beicinho completando a expressão afetada. — É uma pena que o nosso sistema estéreo não esteja funcionando. Eu ia me divertir muito ouvindo os últimos gritos de vocês. Bem, chega de papo. . . Como dizem no *show-biz*, o show vai começar!

— É muita arrogância para uma pessoa só. . . Eu gostaria de colocar minhas mãos nessa cara de tigre! — diz Annie, furiosa.

— Temos dois corredores para sair daqui. Qual deles vamos tentar primeiro? — você pergunta, ansioso por começar logo o trabalho.

— Vamos nos separar. . . você e Annie pegam o corredor da direita; Muk e eu veremos aonde nos leva o outro — ordena o meteorologista, falando rispidamente, com muita emoção. — Se eles querem um show, vamos oferecer o que eles merecem.

O corredor da direita lhe faz lembrar aqueles labirintos onde se soltam ratos nas aulas de biologia. Há tantos caminhos curvos, desvios e corredores sem saída que você mal consegue dar conta de afixar os alfinetes fosforescentes de Mancha Solar.

— O que é aquilo ali? — você pergunta, no momento em que Annie abre uma porta à esquerda.

Ela fecha rapidamente a porta sobre alguma coisa que parece uma perna de aranha feita de uma substância bolorenta. — Nem queira saber — diz ela, pregando três alfinetes que representam relâmpagos junto à maçaneta.

Vocês saem correndo e chegam a uma sala circular e iluminada. Música clássica e um perfume de flores generosamente enchem o ar.

— Bem, esta é a única coisa de bom gosto que vi até agora neste lugar. — Annie caminha no carpete macio



cor de ferrugem, que combina muito bem com as paredes pintadas de amarelo-claro. Sete colunas, que parecem ser de plástico macio e branco, erguem-se até o teto. Mas, em vez de encostarem no teto, as extremidades das colunas balançam suavemente, produzindo uma leve brisa. — É como se estivéssemos no meio de uma flor — diz Annie, um pouco perturbada.

— Ähn-ähn — você responde, com cuidado. Sua atenção está voltada para uma grande fonte ornamental que fica no meio da sala. De lá jorra um líquido cor de laranja. Você chega mais perto, com muito cuidado, e pega um dos objetos que decoram a borda da fonte.

— Aaarrghhh — é a sua reação ao examinar o objeto mais de perto. O que parecia ser um rochedo de formato esquisito é na verdade um pedaço de um maxilar humano.

— Ácido! — você grita para avisar Annie.

No entanto, a possibilidade de tomar um banho nessa fonte é apenas uma das preocupações da perita em sobrevivência nesse momento. — Socorro, Órion! — O grito assustador é como uma paulada em seus ouvidos.

O que você vê o deixa horrorizado. Um dos tornozelos de Annie está preso por um tentáculo peludo que sai de uma das colunas. E ela está suspensa de cabeça para baixo sobre o tanque mortífero.

— A fa-ca de bol-so em minha mo-chila de couro na por-ta! — A voz dela sai num sopro sem fôlego, cheia de pavor.

No momento em que você tenta pegar a mochila rapidamente, uma espécie de galho de árvore de borracha abraça sua cintura. Antes que possa reagir, você está pendurado ao lado de Annie Ancora. O galho em volta de seu estômago aperta tão forte que você mal consegue respirar, e muito menos falar.

— O-o qu-quê? — é tudo que você consegue dizer.

— Mais um truque monstruoso da feroz Lírio... o que mais? — diz a especialista em sobrevivência, respirando com dificuldade. — Gire o quanto puder à minha volta, Órion. Se conseguirmos ficar firmes, é possível que o impulso rompa esses galhos.

Talvez o galho que segura Annie não seja tão forte quanto o seu. Mas a verdade é que, com um de seus empurrões, acontece a mágica. O galho afrouxa e Annie cai junto à fonte. A alça de sua mochila também se solta. E você vê estarecido a mochila cair dentro da fonte: em poucos segundos, tanto a mochila quanto seu minúsculo computador são desintegrados pelo ácido.

— Continue girando, Órion. Vou tentar pegá-lo — grita Annie, entusiasmada.

— Saia daqui antes que essa droga a pegue de novo — você diz com muito esforço.

Aos poucos, a planta começa a abaixá-lo, em direção à fonte de ácido. Mas você já nem se importa mais... não tem sequer medo de morrer. Não seria melhor para a AJA que você sumisse? Sem seu computador, o que você pode fazer por esta missão?

## CAPÍTULO 8

A sola de seu sapato está agora a apenas trinta centímetros da fonte, e você sabe que em menos de um minuto o líquido estará corroendo o couro. Mas você nem se preocupa com isso. No momento, você está é lamentando a perda do computador.

Annie Âncora já conseguiu pegar sua faca de bolso, e golpeia desesperadamente outros dois tentáculos que tentam apanhá-la outra vez. — Mexa-se, Órion! Você precisa ajudar! — ela suplica, ao mesmo tempo em que se defende de um ataque por trás.

— O que. . . — Mancha Solar aparece na entrada, sua boca abrindo em sinal de pavor. — Pegue-as, Muk! — ele grita.

Com um latido terrível, o robô avança. Com golpes selvagens, seus dentes destroem os tentáculos da planta. Os galhos se recolhem rapidamente, expelindo uma espécie de lama esverdeada dos cortes profundos causados pelo cão.

Você vê que Mancha Solar tira da mochila a garrafa de vinho que roubou da adega da SATAN. Com um movimento brusco, quebra a garrafa na parede. E, armado com o gargalo afiado, avança em direção à fonte. — Órion, o que há de errado com você? Não vai conse-

guir se libertar sem lutar! Recue o mais que puder. . . é uma ordem! — ele grita.

A voz de comando do líder da missão mexe com suas estruturas. E você faz um movimento brusco, como uma criança tentando ganhar altura num balanço. O movimento faz com que você passe exatamente sobre a cabeça de Mancha Solar. Você chega a sentir a mão dele deslizando na barriga de sua perna. E, quando pensa que ele não vai mais conseguir agarrá-lo, os dedos dele já estão presos nos cordões de seus sapatos. Basta um golpe com a garrafa quebrada, e você está solto!

Quase sem fôlego e emocionalmente abalados, os agentes humanos da AJA andam em direção à segurança do corredor. Mas Muk ainda não está satisfeito, e continua destruindo implacavelmente a planta gigantesca.

O ataque é fatal para ela. Na agonia da morte, ela se curva e despeja jorros de ácido cor de laranja para todos os lados.

— Já chega, Mukluk. . . grande e fiel companheiro — diz Mancha Solar.

Você não imaginava que um cão-robô pudesse demonstrar orgulho, mas este não deixa dúvidas. Obediente, ele corre para se juntar ao grupo. E o que ele traz estampado no rosto só pode ser chamado de sorriso.

— Muk, deviam cortar minha língua por tê-lo chamado de vira-latas mecânico. . . você é um milagre — diz Annie, dando um beijo na cabeça do cão-robô. Então ela dirige um sorriso para você e Mancha Solar. — Vocês também não são moleza. . . Se eu viver para participar de outra missão, juro por Deus que quero vocês dois do meu lado.

— É isso aí, somos uma excelente equipe. E juntos

vamos sair dessa gelada... — Mancha Solar dá um tapinha carinhoso no ombro de Annie, e sorri com o trocadilho bem-humorado que acabou de inventar.

Enquanto a equipe da AJA segue os alfinetes de raios solares, para voltar através do labirinto, você se sente tão útil quanto um ventilador em pleno Alaska. — Quer uma força aí com a mochila, Mancha Solar? — você pergunta, tentando sentir-se útil outra vez.

— Não. Posso carregá-la numa boa. — Ele o encara com um ar de curiosidade, depois encolhe os ombros e faz um gesto em direção a uma porta marcada com alfinetes que indicam relâmpagos. — O que é que há ali?

— Nem queira saber — Annie responde com um estremecimento. — Estivemos tão ocupados que esqueci de perguntar: você e Muk acharam alguma saída no outro corredor?

O rosto do meteorologista fica pálido. — Não. Encontramos foi uma barata gigantesca. Ela não queria nos deixar passar, e não há como argumentar com insetos do tamanho de um lutador de sumô... — O tom dele torna-se mais animado ao voltar-se para você com um sorriso. — Eu aposto toda a minha poupança como há outra interfase de computador escondida na sala principal. Vamos, Órion, faça a sua parte!

— Quem dera eu pudesse... — você murmura, mergulhando em profunda depressão. — O computador já era. — Nem mesmo os puxões de Mukluk na bainha de sua jaqueta a prova d'água conseguem aliviar sua alma.

— Que pena! O que vamos fazer agora? — o chefe da equipe da AJA puxa seu lenço de bolinhas do bolso e esfrega-o nervosamente na testa.

— Não entendo — murmura Annie. Após um pigarro, ela continua em tom mais otimista: — Você não

precisa daquele aparelho eletrônico, Órion. Você tem um sistema melhor que as novidades mais fantásticas do mercado. . . e, além disso, é um *software* integrado de alto nível.

Você balança a cabeça em sinal de perplexidade. — Não sei do que você está falando, Annie.

— Do seu cérebro, meu jovem amigo. Seu computador pode estar destruído, mas você ainda tem sua massa cinzenta — completa Mancha Solar.

Você saca que eles estão tentando agradá-lo, mas não funciona. Você balança a cabeça com desânimo, desejando que eles o deixem sozinho. — E você, pare de me encher, Muk! — você grita de repente para o cão. Os latidos e a bagunça dele ao seu lado já estão começando a irritar.

— Ouça, Órion. . . com ou sem computador, você tem que manter sua promessa de fazer o melhor pela missão. — Os olhos de Mancha Solar brilham. — Nós dois não temos idéia nenhuma e o cão não pode falar. Portanto, a bola está com você: como vamos sair da Casa Mal-Assombrada da SATAN?

A pergunta o enche de medo. Timidamente, você começa a falar: — Lírio não pode nos ouvir; se além disso ela também não puder nos ver, não saberá que armadilhas acionar da próxima vez. Quando chegarmos à sala principal, temos que desativar a câmera espia. — Endireitando os ombros, você acrescenta com confiança: — Deve haver um caminho para que um técnico chegue aos circuitos da grande tela de TV, para o caso de ter que consertá-la. Se conseguirmos encontrá-lo, talvez ele nos leve a uma saída.

— Agora você está trabalhando, Órion! — diz Annie, alegremente.

— Não conte com coisas que ainda não tem —

— você adverte, apesar de já sentir-se definitivamente mais seguro.

Quando a equipe da AJA chega à sala principal, a lady SATAN esbraveja através da tela de TV: — Vocês vão pagar caro por destruírem minha obra-prima — grita ela.

Sem prestar atenção à enxurrada de ameaças que vem a seguir, Mancha Solar olha em volta como se não estivesse se preocupando com nada, depois vira a cabeça em direção à parede oposta à tela de vídeo. Quando estiveram aqui antes, vocês não notaram o quadro de um palhaço pendurado no teto. Você examina atentamente, percebendo que há algo curioso nos olhos dele. . . eles parecem estar seguindo você.

— Já sei! — o meteorologista grita de repente, sacudindo os ombros.

Em menos de um segundo, você percebe o que ele está a fim de fazer. Rapidamente, a equipe da AJA forma uma espécie de tótem, ou poste humano, com Annie no meio e você no topo.

— Depressa. . . não consigo agüentá-lo muito tempo — Mancha Solar diz de um jeito ofegante, enquanto você rasga a tela do rosto do palhaço com os dedos. Um rápido puxão nos fios da câmera camuflada, e está bloqueado o sistema de observação da SATAN.

O rosto de Lírio está pálido. — Dirijam-se à Casa Mal-Assombrada e vejam o que há de errado com o sistema de espionagem — ela grita para seus valentões.

— Mas, lady Lírio, acabamos de provocar nova onda de frio. Se formos até lá, vamos morrer congelados — responde uma voz fora do alcance da câmera.

— Chumbo Grosso, se você não estiver lá em quinze minutos. . . — ela não precisa concluir a ameaça.

Sem dar bola para o resto da transmissão, você desliza os dedos sobre as bordas do telão. — É isto! —

você grita para os outros, pressionando uma chave escondida.

A parede se alarga, depois dobra, como se fosse a porta de um *saloon* do Velho Oeste. A outra sala tem vários monitores que mostram o que está acontecendo em toda a central de treinamento da SATAN. Seus olhos se arregalam. . . A enorme barata é pior do que um pesadelo e você nem consegue entender todas as outras armadilhas que estão espalhadas pelas salas.

— Eu disse que vocês não iam gostar de saber disso — Annie fala em voz baixa e áspera.

— Lá está o que precisamos! — você aponta excitado para uma pilha de papéis empilhados num canto. — Lembro-me de ter visto uma listagem chamada TRASH.COM, quando chamei o programa de saída da adega de vinho. Talvez aquilo significasse “trash-compactador”, triturador de resíduos. Um lugar deste tamanho deve ter um aparelho muito grande para recolher o lixo.

— Sem seu computador para operar, no que isso poderá ajudar. . . — a pergunta de Mancha Solar é interrompida por um cutucão brusco do cotovelo de Annie.

Você lhe dirige um olhar reprovador. — O triturador deve ter uma calha para escoamento do lixo. Se conseguirmos descobrir esse aparelho, podemos chegar ao depósito de lixo lá fora.

— O que temos a perder, Mancha Solar? — pergunta Annie. — Os valentões da SATAN estarão aqui em dez minutos. Se não nos mexermos, eles nos matam.

A papelada prova sua teoria. Não apenas existe um sistema de recolhimento de lixo, grande o suficiente para carregar vocês quatro, como ele está localizado exatamente embaixo da sala onde vocês estão agora!



Um alçapão no assoalho cobre a entrada da calha de escoamento.

Você segue Mukluk através do alçapão, tentando vencer um novo ataque de depressão. Então você livrou a equipe da AJA da prisão sem usar nada mais do que seu cérebro??? Mas o que pode acontecer num tipo de situação crítica em que só um computador pode ajudar?

Como se estivesse lendo seus pensamentos, o cão-robô solta um latido curto e sacode o rabo peludo.

## CAPÍTULO 9

— Eu não gostaria de estar por aqui quando esta coisa começasse a funcionar — diz Annie Âncora, olhando para as assustadoras lâminas do triturador de lixo.

— Nem eu — você concorda, estremecendo. Você sabe que a saída da calha de escoamento deve estar na parede à esquerda, mas do ponto onde está não consegue ver uma fenda sequer na parede suja.

O latido de Mukluk chama sua atenção. O cão-robô está girando em torno de uma coluna que há bem no meio do piso.

— Ele não está agindo exatamente como um cachorro de verdade? — comenta Mancha Solar, examinando cuidadosamente entre as lâminas à procura da saída. — Saia daí, garoto, isso não é nenhum poste!

O cão-robô pára e senta, rosnando meio irritado.

— Do jeito que ele está agindo, a impressão é que o agente K-9 inventou também umas moscas-robôs. . . — diz Annie, rindo muito, enquanto Mukluk coça furiosamente seu revestimento de couro.

O meteorologista encosta na coluna, desanimado. — Se há uma saída, eu realmente não consigo encontrá-la. O que é que a gente vai fazer agora? — ele per-

gunta, repousando o pé sobre uma protuberância na coluna de metal.

Seus tímpanos quase estouram com o barulho estridente que enche o lugar. Imediatamente, as lâminas do triturador começam a se movimentar, e vão ganhando velocidade até que não se consiga mais distinguir suas formas. — Você deve ter tropeçado na chave de partida! — você grita para Mancha Solar.

Ele salta rapidamente, mas já é tarde. Às paredes do triturador já começaram a se mover lentamente em direção ao interior.

Você olha para a coluna que parece um hidrante, paralisado de medo. Ela fica exatamente no meio de um quadrado vermelho de noventa centímetros. Entre esse quadrado e as paredes, há outros dez quadrados de cada lado, desenhados no chão sujo.

Vocês estão numa fria! Quando olha para o lado esquerdo, você percebe que só restam nove quadrados desenhados no chão. Ninguém precisa ser um gênio para perceber que as paredes avançam em movimentos regulares: a cada noventa centímetros param para triturar tudo o que estiver no caminho, e então avançam até a borda do quadrado seguinte.

O meteorologista puxa furiosamente a tampa do tal hidrante, e quase cai para trás quando ela se solta. Mas não há nenhuma chave lá dentro, como você esperava. Em vez disso, o que você vê é uma interfase de computador. Você nunca se sentiu tão abandonado em toda a sua vida.

Vocês estão é numa gelada! Você rapidamente mede o espaço do quadrado onde está a coluna e chega à conclusão de que ali não cabe uma pessoa — e muito menos três agentes e um cão-robô da AJA. E restam apenas oito quadrados entre a coluna e as paredes trituradoras.

Você põe sua cabeça para funcionar rapidamente. Como botar um computador em funcionamento em menos de cinco minutos? Uma imagem vaga passa pela sua cabeça: você se vê ajoelhado na neve, à margem do rio Sheenjack, mexendo nos arreios de Mukluk... Então você lembra como aquela fivela parecia com uma interfase de computador...

— MUKLUK! — você berra para o cão, os dedos já procurando a fivela entre os arreios. Com as mãos trêmulas você a encontra e grita: — Já arranjei um computador, pessoal!

Enquanto você coloca o cão-robô junto à coluna, Annie pergunta desconfiada: — E onde está o teclado? Será que você vai ter que digitar os dentes do cão?

— Espero que ele responda a estímulos sonoros. — Você cruza os dedos e encara os olhos azuis do cão-robô, agora as telas gêmeas de seu novo equipamento.

Em vez do código normal, o que você vê é uma mensagem breve: “Em frente. O que quer que eu faça agora, Órion?”. Ao final da frase, Muk dá uma lambida seca em seu rosto.

— Faça uma listagem do programa TRASH.COM — você ordena, esperando ansiosamente pela resposta.

*Introduza o seguinte programa em seu computador e rode-o.*

## PROGRAMA 4

**100 REM LIXO**

**110 HOME**

**112 LET SW=40**

**114 LET SH=24**

**116 LET WU=200**

**120 REM DEFINE CARGA MAXIMA**

```

130 LET ML=0
150 FOR I=1 TO SW-2
155 LET L$=L$+"-"
160 NEXT I
180 FOR I=1 TO SW-2
190 LET BL$=BL$+" "
192 NEXT I
200 LET HF=INT((SH-1)/2)
205 LET HS=INT(SW/2)-HF
210 LET VT=HF+1
215 LET HT=INT(SW/2-1)
220 GOSUB 910
230 PRINT "*AJA*";
235 FOR I=1 TO HF
236 LET VT=I
237 LET HT=HS+I
238 GOSUB 910
250 LET X$=MID$(L$,1,SH-2*I)
255 PRINT " ";X$;" ";
260 LET VT=SH-I
270 GOSUB 910
275 PRINT " ";X$;" ";
280 FOR J=I+1 TO SH-I-1
290 LET VT=J
294 LET HT=HS+I
296 GOSUB 910
298 PRINT " I";
300 LET HT=HS+I+SH-2*I
305 GOSUB 910
310 PRINT "I ";
315 NEXT J
320 FOR W=1 TO WU
325 NEXT W
340 LET ML=ML+1
345 IF ML<=HF THEN GOTO 351

```

```

346 LET VT=SH-1
347 LET HT=1
348 GOSUB 910
349 PRINT "A SALVO"
350 STOP
351 LET VT=I
360 LET HT=1
365 GOSUB 910
370 PRINT BL$;
372 LET VT=SH-I
374 GOSUB 910
376 PRINT BL$
380 NEXT I
385 LET VT=HF+1
388 LET HT=INT(SW/2-4)
390 GOSUB 910
395 PRINT "SQUISH..."
400 STOP
910 HTAB(HT):VTAB(VT)
920 RETURN

```

SINCLAIR	APPLE	RADIO SHACK		IBM
ZX-81	Apple II	TRS-80	Color	PC
	↙			

*Este programa rodará em computadores da família Apple II e seus compatíveis. Para adaptá-lo aos micros das linhas Sinclair, Radio Shack e IBM-PC consulte o Manual de Referência, página 109.*

— Esperem, eu consegui! — você exclama. — Se eu enganar o computador, simulando que o triturador

está cheio, ele vai parar! — Você procura a listagem dos controles, enquanto as paredes continuam vindo, cada vez mais próximas.

*Você é capaz de modificar o programa para que o computador reaja como se o triturador estivesse cheio? Se não conseguir, você será esmagado em pouco tempo! Se precisar de uma sugestão, consulte o Manual de Referência, na página 109.*

Com um barulho ensurdecedor, as paredes param, a alguns centímetros de vocês. E, no momento em que os outros cumprimentam você e Muk pelo belo trabalho que fizeram, o chão se inclina e vocês quatro são jogados na direção de um buraco que se abre na parede esquerda.

— E agora, o que é que a gente vai fazer? Estou ficando cheia dessa SATAN... — a reclamação de Annie sai abafada, no momento em que a equipe inteira é despejada num saco de lixo tamanho família.

A viagem sacolejante e desconfortável até a saída da calha parece durar para sempre. Você rola sobre os outros e se sente como farinha dentro de um amassador de pão. À medida que o saco vai rolando, você sente que a temperatura cai violentamente. Vocês ficaram tanto tempo no interior da Casa Mal-Assombrada que chegaram a se esquecer como faz frio na região Ártica.

— Sinto-me como se tivesse passado por uma lavagem a seco. Vamos cair fora — diz Annie, rasgando o plástico verde no momento em que o saco finalmente pára.

— Devagar aí, pessoal. Como somos uns sortudos, um reforço da SATAN está cercando o depósito de lixo — murmura Mancha Solar.

Ele tem razão. No momento em que você salta pelo buraco que o bom e velho Muk abriu no saco plástico, você ouve o zumbido não muito distante do motor de um carro de neve.

Com seus binóculos desmontáveis, Annie olha através dos papéis rasgados e garrafas quebradas. — São quatro agentes, e estão armados com rifles automáticos — ela informa em voz baixa.

— Bem, estamos em superioridade numérica — diz Mancha Solar, com um sorriso.

— Como é que é? — você pergunta.

— Temos Mukluk e o elemento surpresa a nosso favor — é a resposta do líder da missão. — Agachem-se para que eles não os vejam. E nem um pio até que eu faça um sinal.

Mal conseguindo respirar, você aperta os dentes e espera. O ruído do carro de neve aumenta e enfim pára. Pelo barulho, você conclui que a equipe da SATAN estacionou a menos de três metros do depósito de lixo.

— A esta altura, a equipe da AJA não passa de uma pasta sangrenta. Aquela Lírio £\$%”&& não tinha nada que nos mandar para cá neste frio — uma voz baixa reclama furiosamente.

— Eu lavaria a boca se fosse você, Chumbo Grosso. . . os ouvidos da lady estão em todo lugar — responde outra voz. — Além disso, alguns desses agentes da AJA parece que têm várias vidas.

— Ah, cale-se! Esse pessoal da AJA não é de nada. . . Gostaria que um grupo deles aparecesse. Eu. . .

— Agora, Muk! — grita Mancha Solar.

O cão-robô salta rapidamente para fora da lixeira. Você ouve uma confusão de gritos, pragas e latidos. . . em seguida, um silêncio assustador. Finalmente, Muk



dá um latido curto e baixo, para informar a vocês que está tudo sob controle.

Você é obrigado a rir com o espetáculo que encontra no momento em que sai da lata de lixo. Os quatro agentes da SATAN estão deitados, amontoados uns sobre os outros na neve. Dos olhos do maior deles brotam lágrimas, que congelam sobre sua barba curta.

— Acalmem essa fera, por favorrrrrr! — grita um deles.

Mancha Solar pega um dos rifles que eles deixaram cair e joga para você. — Se eles moverem um músculo, atire! — ele grita.

Você engole em seco, sem gostar nem um pouco de ter que segurar essa arma. Na verdade, você tem absoluta certeza de que jamais seria capaz de usar essa coisa... nem mesmo contra um cara da SATAN. Felizmente, não é preciso enfrentar essa possibilidade: os covardes estão tão assustados com Muk que não ousam nem tremer, mesmo quando o vento frio começa a castigá-los.

— Você, você e você... tirem seus uniformes — grita o meteorologista, apontando para os três menores.

— Ei, cara, você não pode fazer isso... vamos morrer — protesta Chumbo Grosso.

— Isso vai nos ajudar. Com esses uniformes, poderemos chegar ao pequeno esconderijo de Lírio sem precisar brigar com ninguém. Agora mexam-se!

— Mas não podemos simplesmente deixá-los aqui... Isso não seria contra o Código de Conduta da AJA? — Annie pergunta baixinho ao meteorologista.

— A gente troca de roupa com eles, e a vantagem será deles. Nossas velhas roupas da AJA são mais quentes que as deles — sussurra Mancha Solar. — Vocês podem esperar lá dentro, se preferirem, cavalheiros. -- Ele eleva a voz maliciosamente.

O rosto de Chumbo Grosso fica cinzento de raiva. — Deixe-nos no depósito de lixo. A gente se ajeita lá. . . o papel rasgado vai nos aquecer.

A troca é feita rapidamente. As roupas da SATAN que vocês pegaram são largas demais, as pregas frouxas incham seus joelhos e cotovelos. E vocês sentem frio. — Você tinha mesmo razão sobre essas roupas, Mancha Solar. O equipamento da SATAN definitivamente não é dos melhores — você sorri desdenhosamente.

Annie acelera o carro de neve motorizado, e a equipe da AJA começa a perigosa arrancada final rumo ao esconderijo da SATAN. — Até agora, tudo bem — você murmura para si mesmo, encostando-se no confortável corpo de seu computador peludo.

No entanto, enquanto o veículo desliza pela neve brilhante, você sente um arrepio de medo. Qual é?

— Ei, Muk, será que a gente vai sair logo dessa geladeira? — você sussurra na orelha do cão esquimó.

O rosnado baixo dele faz com que você sinta um frio na espinha. A impressão é que ele está tentando preveni-lo contra algo terrível.

## CAPÍTULO 10

— Espere um pouco. Como é que você sabe que estamos indo na direção certa? — pergunta o meteorologista.

— O pessoal da SATAN deixou uma trilha clara no caminho — Annie responde. — É só seguir essas marcas e chegaremos lá.

Você fixa o olhar na parte externa do plástico que cobre a cabine do carro de neve, concentrando-se no terreno gelado. Você quer é desviar seu pensamento da assustadora premonição. Franzindo as sobancelhas ao encarar a beleza colorida do céu, você percebe de repente que há alguma coisa esquisita. — Por que ainda é dia? — você pergunta, puxando a manga do macacão da SATAN para olhar seu relógio. — A não ser que esta máquina esteja louca, são 11h30m da noite.

— Estamos na região do Sol da Meia-Noite, lembra-se? Nesta época, no vale do Sheenjack, o anoitecer é às 12h e a alvorada começa umas duas horas depois — responde Annie.

Você vai perguntar sobre a duração das noites de inverno, quando um arco verde-azulado e brilhante surge no horizonte. É tão deslumbrante que parece ofuscar o sol. Em seguida, longas faixas de luz vermelhas e alaranjadas enchem o céu. — Epa, alguém está come-

morando alguma coisa muito importante — você fala, perplexo com o espetáculo de luzes no céu.

— Isso aí não são fogos de artifício, Órion. O que você está vendo é a aurora boreal. . . as “luzes do norte”, como dizem alguns — explica Annie, também deslumbrada com o que vê.

— Não é possível — diz o líder da missão. — A aurora boreal não ocorre junto com o sol da meia-noite.

O rosto de Annie expressa aquela teimosia familiar. — Isso que a gente está vendo é tão possível quanto a existência de um cão esquimó eletrônico ou de um bando de valentões que podem controlar o clima — diz ela, ríspida e rapidamente.

O som do rádio do carro interrompe o que iria se transformar numa respeitável discussão. “Patrulha de reconhecimento da SATAN, responda imediatamente” — ordena a voz de Lírio.

— Ai, ai, ai. . . era isso que eu temia. O que eu digo a ela? — murmura Mancha Solar, pegando nervosamente o microfone.

Já sem a irritação anterior, Annie bate de leve no braço dele: — Calma, Mancha Solar.

— Quando eu falo “imediatamente” isso não quer dizer cinco minutos, nem mesmo cinco segundos! Ouviu, Chumbo Grosso? Responda já ou faça esse carro de vocês voar pelos ares! — a lady SATAN grita furiosa.

— OK. . . Missão cumprida, Lírio. . . Já estamos retornando à base — diz Mancha Solar, imitando razoavelmente a voz do líder da equipe SATAN.

— Lírio? Se não me chamar pelo meu título oficial, você vai servir de alimento aos lobos, seu retardado mental! — grita ela.

— Tente “lady” — Annie sopra no ouvido do meteorologista.

— Desculpe-me, lady Lírio — diz Mancha Solar, com um nó na garganta.

— Assim é melhor. A equipe da AJA está dominada?

— Sim, lady, mas eles pegaram dois dos nossos. Eu...

— Não tem importância — interrompe Lírio. — Você não machucou o cão, machucou? Eu lhe disse que queria dar esse cão de presente ao meu sobrinho favorito.

— Antes vai ter que passar por cima do meu cadáver... — Mancha Solar tapa sua boca com a mão para interromper a inoportuna explosão de raiva.

— O que foi isso, Chumbo Grosso?

— Estamos com problemas no carro, lady... Vou ter que examinar este carburador quando chegarmos. Desligando.

— Não desligue sem falar o código, estúpido! Vamos, estou esperando.

Mancha Solar empalidece.

Annie agarra o microfone, antes que ele fale uma palavra errada. Virando o botão do transmissor até o último volume, ela sopra com toda força junto ao microfone. — Pronto, a bruxa agora deve estar tentando entender alguma coisa — ela diz, desligando o rádio.

— Uóf, au-au, uóuf! — Você se assusta com a estranha e inesperada serenata de sons promovida por Mukluk.

— Qual é o problema, companheiro? — Annie gira a cabeça para trás, quase perdendo o controle do veículo.

Uma força desconhecida parece estar comandando os movimentos do cão-robô; suas patas dianteiras se contraem e o rabo raspa violentamente contra o plástico que cobre o banco. Depois de algum tempo, ele

volta ao normal, bocejando como se nada de estranho tivesse acontecido.

— Para alguém que dizia que não queria saber de um vira-latas mecânico, até que você está bem preocupada. Se não olhar para a frente, vamos acabar despenhando em algum abismo. — As palavras de Mancha Solar são severas, mas o tom é gentil. — Nosso amigo peludo está bem agora... algum campo magnético deve ter interferido em seus circuitos.

— Olhem ali na frente, não são morsas? — você pisca os olhos sem ter certeza de que pode confiar neles. Nenhum bicho que você já tenha visto no zoológico se comporta como essas morsas, trinta metros à frente do veículo. Elas andam em linha reta e quando chegam a um determinado ponto giram como um pivô. Parecem soldados participando de uma estranha ordem unida.

— Não pode ser... estamos tão longe do interior... — Annie diminui a velocidade e estica o pescoço para observar melhor os bichos. — Mas são morsas mesmo! E a impressão é que estão montando guarda...

— Mas do que elas estariam tomando conta? — você pergunta atarantado. Não há nada por perto, a não ser os rochedos de montanhas cobertas de neve até o topo.

— A porta do esconderijo de Lírio — diz o meteorologista, investigando as montanhas com o olhar. — As marcas que estamos seguindo levam àquela saliência à esquerda. Pode ser a entrada de uma caverna.

A última coisa que você gostaria de visitar é uma caverna... ainda mais uma caverna patrulhada por morsas-guardas de duzentos quilos cada uma. — Seria bom se a gente tivesse um pouco de carne crua de peixe para suborná-las. Elas não parecem nada amigáveis.

Como se fosse para confirmar suas suspeitas, elas formam uma espécie de círculo e partem em direção

a vocês. São no mínimo vinte, e se movimentam com uma velocidade e agilidade inacreditáveis. Annie diminui a velocidade no exato momento em que a primeira das morsas chega a cerca de um metro do veículo.

— Uau. . . elas estão tão perto — você sussurra. Elas têm olhos grandes e redondos, e as presas cor de marfim parecem mortais.

— Uauf, uou, uauf! — late Muk.

A situação não tem nada de engraçada, mas você não pode evitar um sorriso. A impressão é que o cão está querendo conversar com o estranho bando.

— Sem dúvida, elas fazem parte da turma da Lírio. Estão vendo o símbolo da SATAN naquelas coleiras engraçadas que elas estão usando? — Os olhos de Annie Âncora brilham como fogo. — Esta mulher tem que ser chicoteada. . . esses animais adoram a liberdade, e ela não tem nenhum direito. . .

O discurso dela acaba com um berro assustador, no momento em que um dos animais levanta a traseira do carro de neve. O impacto faz com que você bata a cabeça contra a capota de plástico.

— Elas nos cercaram, e estão cada vez mais perto — diz o líder da missão, assustado. — Ligue o motor, Annie. Talvez elas estejam apenas com curiosidade. Não vamos irritá-las.

Smoosh! Um dos animais empurra o veículo e a equipe da AJA desliza sobre a neve.

Whap! No outro lado, outra morsa apara o veículo e o empurra de volta, apenas com um movimento do rabo!

— Não parece que estamos no meio de um jogo de hóquei de morsas? — você pergunta, tentando se proteger do próximo ataque.

— Sim, e adivinhe quem está ganhando o jogo. . .  
— replica Mancha Solar.

— E pode ter certeza de que a treinadora dos times é Lírio — diz Annie. — De alguma maneira, ela está controlando os movimentos destes bichos.

— Talvez elas estejam preparadas para responder a sinais de alta frequência enviados através daqueles colares — você interrompe. — Isso explicaria por que Muk está agindo de um modo tão esquisito. . . ele está pegando. . .

A jogada seguinte interrompe sua frase. Duas das morsas investem contra o pára-choque dianteiro e levantam o carro. Se vocês não estivessem usando os cintos de segurança, estariam sendo jogados como a massa de um bolo numa bateadeira.

— Este carro não suporta mais pancadas. E, se ele virar, nós caímos! — Annie diz ofegante.

— Atire, Annie! — grita Mancha Solar. — Temos que fugir de qualquer jeito.

Nos segundos seguintes, a confusão é total. E Annie abre caminho a tiros, deixando as morsas para trás.

— Mais um ponto para a AJA — você grita, ao ver que o perigo ficou para trás. Você se sente alegre, mas a alegria é passageira. . .



## CAPÍTULO 11

Uma sirene estridente quebra o silêncio gelado. — Vocês aí, no carro. . . temos canhões atômicos de quinze milímetros apontados para vocês. Saiam do veículo, andem vinte e cinco passos na direção norte e então parem. — O comando é emitido por um alto-falante, escondido em algum lugar da montanha.

— Por que eles simplesmente não nos matam logo? — pergunta Annie.

O rosto do meteorologista adquire uma expressão de desgosto. — É o ego de Lírio. Ela provavelmente quer desfrutar em detalhes sua vitória sobre a AJA.

— Só que ela está cometendo um erro grave — você diz. — Quando estivermos lá dentro, certamente vamos achar um jeito de pará-la.

— Este é o espírito, Órion. — O líder da missão abre a porta do carro de neve e começa a caminhar na neve. — Acuados como estamos, e agindo na surdina, talvez possamos surpreendê-los.

Você concorda, ao menos no que diz respeito a se sentir acuado. Enquanto vocês caminham, pontadas de medo percorrem sua espinha dorsal.

Exatamente vinte e cinco passos adiante, a neve se desloca debaixo de seus pés e você é sugado para baixo

como a areia de uma ampulheta. A queda o conduz para o interior de uma caverna.

— Até que enfim nos encontramos, embora eu não possa dizer que seja um prazer. — Lírio está em pé, perto dos trilhos que circundam a plataforma onde você e seus companheiros foram jogados. — Isso é o melhor que a famosa AJA, reconhecida no mundo inteiro, pode fazer? Então mandaram uma criança, uma coroa feiosa e um ex-palhaço de TV para atrapalhar meus planos? Não sei se devo rir ou me sentir ofendida.

— Por favor, não nos machuque, lady Lírio — você deixa rolar algumas lágrimas para distrair a mulher. — Es-tou tão as-sus-taa-dooo! — você chora com todas as forças.

— Esse bebê chorão é o Órion de quem tanto ouvi falar? Revistem todos . . . e prestem muita atenção nele. Não deixem nada que esse fedelho possa transformar num terminal de computador.

Os bandidos o derrubam com brutalidade, depois se dirigem para Mukluk. Mostrando os dentes, ele recua para junto dos trilhos.

— Podem deixar o vira-latas em paz. Estou de olho nele.

Com uma abanada amigável do rabo, Muk vai lamber a bota da mulher.

— Gracinha . . . não vou dá-lo para o meu sobrinho; eu mesma vou adotá-lo — a lady SATAN diz com voz baixa e macia.

Enquanto ela acaricia Mukluk, você percebe que ela não sabe que ele é um robô. Ela não conseguiu ouvir o papo do pessoal da AJA na Casa Mal-Assombrada, e você só usou o computador de Muk quando ela não podia ver.

— Por favor, sigam-me. Venham conhecer as principais atrações do meu pequeno e modesto refúgio. O

*gran finale* é a fabulosa sala do vulcão, onde vocês vão morrer — diz Lírio, empurrando a equipe da AJA para fora da plataforma e sorrindo como se estivesse convidando todos para tomar chá com torradas.

— Pode deixar o vulcão de lado e nos levar direto para seu guarda-roupa secreto. Se suas outras roupas estiverem tão esfarrapadas quanto esse conjuntinho de pele de leopardo que você está usando, simplesmente vamos morrer de rir — diz Annie.

— Por que você. . .

Num acesso de fúria, Lírio se lança contra a especialista em sobrevivência, mas não se dá muito bem. Na briga, Annie acerta um belo chute nas costelas e um soco certo no olho direito de Lírio. Quando Mancha Solar entra em cena para interromper a briga, os dois agentes da SATAN atrás de você seguram seus braços. Só o que você consegue tentando se libertar são ferimentos nos músculos. Mukluk não move um dedo. Lambendo os pêlos como se estivesse se divertindo, ele deita para apreciar o espetáculo.

A entrada do meteorologista só piora as coisas. . . Acidentalmente, com o cotovelo, ele acerta o queixo de lady SATAN.

— Não atirem, seus idiotas! Não vêem que podem me acertar? — grita Lírio, no momento em que uma tropa de guardas surge com pistolas engatilhadas. — Ah, rapaz, você vai pagar por isso!

— Valeu a pena. . . — diz Annie, enquanto os guardas colocam algemas em seus pulsos.

— Pendurem-nos sobre o poço dos ursos polares. Meus bichinhos de estimação não ganham uma refeição tão boa desde que jogamos aqueles desertores para eles — diz ela, fazendo uma pausa para dar um tapinha nas costas do cão-robô. — Este é o meu bom cachorrinho. . . você já conhece sua nova dona, não conhece?

E, virando-se para você, ela abre a boca num sorriso diabólico. — Venha comigo, Órion. Tenho planos especiais para você.

Você a segue, com a certeza de que a qualquer minuto Mukluk entrará em cena para salvá-lo, certo?

Errado! O cão caminha obediente ao lado de Lírio, choramingando e lambendo as mãos dela. Ele está agindo como se estivesse desligado. Você se preocupa com a possibilidade de haver alguma coisa errada com seus circuitos.

A líder da SATAN o conduz para um aposento cercado de vidro, onde há um computador, e de onde você pode ver uma terrível cena de tortura. Mancha Solar e Annie balançam no ar, os pés quase ao alcance de quatro ursos polares. Lírio liga um sistema sonoro, para que você ouça os grunhidos dos animais.

Seus companheiros estão gelados de medo, mas nenhum deles solta um gemido sequer. Você está morrendo de pena deles. — Se vai matá-los, mate logo. . . é desumano deixá-los pendurados lá, girando. . . — você grita.

— Isso depende de você, não de mim — ela diz maliciosamente, apontando para o terminal de computador. — Quero ver se é tão bom quanto dizem, Órion. O programa na tela controla a alimentação dos ursos. . . introduza a entrada certa e um de seus companheiros estará salvo.

— Um deles?? — você pergunta, em voz baixa.

— Se eu fosse você, liquidaria a mulher. Mas a escolha é sua.

Você se aproxima do computador e vê na tela um programa, em linguagem BASIC:

*Introduza o seguinte programa em seu computador e tente uma simulação para ver o que acontece.*

## PROGRAMA 5

```
100 REM URSO
120 PRINT "QUANTOS SEGUNDOS A MAIS"
130 PRINT "ELES DEVEM VIVER";
140 INPUT SC
150 PRINT
170 FOR I=SC TO 1 STEP -2
190 PRINT " ";I;" ";
210 IF I<>1 THEN GOTO 220
212 PRINT "ANNIE CAIU"
214 GOTO 260
220 IF I<>2 THEN GOTO 230
222 PRINT "MANCHA SOLAR CAIU"
224 GOTO 260
230 FOR W=1 TO 400
235 NEXT W
240 NEXT I
250 PRINT "ISTO E TUDO, GENTE."
255 STOP
260 PRINT
262 PRINT "ADEUS, CARNICA DE URSO..."
265 STOP
```

SINCLAIR	APPLE	RADIO SHACK		IBM
ZX-81	Apple II	TRS-80	Color	PC
✓	✓	✓	✓	✓

*Este programa rodará em todos os microcomputadores assinalados na tabela e seus compatíveis. Qualquer dúvida, consulte o Manual de Referência, página 112.*

Mancha Solar ou Annie. . . qual deles será? Se você escolher um número par de segundos, Annie morrerá. Se o número for ímpar, Mancha Solar cai.

*Eureka. . . você tem uma idéia. Sua cuca está funcionando. Estudando atentamente os comandos, você vê esperança para os dois. Mas será que é outro truque de Lírio? Você senta nos terminais com a consciência de que seus próximos movimentos vão salvar seus amigos ou fazer a felicidade de quatro ursos famintos!*

*Faça a listagem do programa e veja se pode descobrir uma maneira de modificá-lo de modo que tanto Mancha Solar quanto Annie sejam salvos. Sugestão: o alimentador dos ursos está procurando por um certo número para deixar uma das vítimas cair. Você é capaz de mudar o número para algo que possa salvar os dois. Se tiver problemas, consulte o Manual de Referência, página 112.*

## CAPÍTULO 12

— Quem poderia imaginar que um boboca como você poderia conseguir isso? Pode abrir os olhos agora. Infelizmente, o palhaço e a coroa estão salvos... por enquanto. — Lírio fala com um tom que mistura maldade e admiração. Ela chega mais perto, e você quase é derrubado pela onda do perfume forte que ela usa. — Se você quiser, há um lugar para você na minha organização. Aceite o serviço e não terá que se separar deste lindo cachorrinho. Poderá brincar com ele quando quiser.

“Muk não parecerá tão lindo quando destruir isso aqui tudo” — você pensa. Você gostaria de dizer a Lírio o que pensa do trabalho dela, mas é melhor ficar calado. — Não, muito obrigado... o plano de aposentadoria da AJA é bem melhor que o da SATAN. — Enxugando a testa suada na manga da roupa que tomou emprestada da SATAN, você observa atentamente o poço dos ursos para se certificar de que seus amigos estão bem.

Mancha Solar e Annie estão numa plataforma sobre a jaula dos ursos. Estão com as pernas trêmulas, mas parecem estar bem. O líder da missão levanta a mão para você, fazendo um “V” com os dedos.

— Leve aqueles dois para a Central do Tempo. Eu

quero que todos fiquem num lugar que proporcione boa visibilidade para assistir às cenas finais da Grande Nevada — lady Lírio passa a ordem a um dos guardas. — E quanto a você, eu bem que lhe ofereci uma chance para viver! Mas, já que é tão estúpido a ponto de recusá-la, pior para você, seu tolo! — ela grita, passando as garras esmaltadas de vermelho entre os cabelos.

— Agora, Muk! — você sussurra, sabendo que os ouvidos sensíveis do cão-robô vão receber sua ordem. No entanto, ele não responde da maneira que você esperava. O focinho dele se retorce, rosando, e ele dá uma mordida no salto de sua bota.

Lírio o empurra através de uma porta e a fecha, girando a maçaneta numa seqüência de movimentos que parecem a combinação de um segredo de cofre. Você ouve uma espécie de assovio e percebe que a sala cercada de vidro de onde acabou de sair está se enchendo de um vapor púrpura.

— Gás venenoso — a mulher responde a sua pergunta mental. — Se aquela porta for aberta dentro das próximas 48 horas, o gás se espalha pelo sistema de ventilação e mata todos os que ainda estiverem no esconderijo — ela acrescenta, obrigando-o a andar pelo corredor.

— Por que você contaminaria seu próprio esconderijo? — você pergunta, incrédulo.

— É o procedimento-padrão da SATAN. Quando não precisamos mais de uma instalação, ela é destruída, para não cair nas mãos de gente como você. . . Ah, cá estamos. Este é o coração da estação de tempo da SATAN.

Ela o conduz para uma galeria de teto alto, sem qualquer mobília. Há apenas um aparelho velho, no centro, associado a um grupo de monitores fixos na pa-



rede, e três cadeiras aparafusadas no chão, em torno de um prato de metal.

— Você tem um equipamento de primeira aqui, Lírio — comenta sarcasticamente Mancha Solar.

— É com isso aí que você pretende provocar a Grande Nevada? — ele continua. — Este aparelho não parece capaz de produzir sequer um cubo de gelo.

A risada de Lírio ecoa na sala. — Seus estúpidos! Se esforçaram tanto para nada. Isto aqui tudo é lixo. Nosso equipamento novo está totalmente seguro, muito bem guardado a duas milhas do Pólo Sul! Neste justo momento, enquanto eu falo, a grande operação da SATAN está em andamento.

— Então o mundo está perdido. . . — os olhos de Annie se enchem de lágrimas.

— Bobagem! Pela primeira vez, desde o tempo em que a humanidade rastejava em cavernas, haverá paz permanente. E a SATAN matará quem quer que pense de maneira diferente — a mulher diabólica ri às gargalhadas. — Detesto sair antes que a festa comece, mas tenho um encontro urgente na avenida Pennsylvania, n.º 1600, dentro de duas horas.

— Na Casa Branca? — você pergunta.

Lírio faz um sinal afirmativo com a cabeça. Ela está radiante. O gesto agita seus cabelos e forma uma cascata brilhante em suas costas. — Quando eu chegar em Washington, a Grande Nevada já estará perto da Argentina. Se o Presidente não virar as rédeas do governo de cabeça para baixo, toda a Flórida se transformará numa pista de patinação no gelo. Agora, chega de papo. . . vocês três, sentem-se! — Ela faz um sinal em direção às cadeiras.

As correias molhadas de couro cru que o capanga dela prende em volta de seus braços cortam cruelmente a pele.

— Se vocês acham que elas estão apertadas agora, esperem até que sequem — a lady sorri maldosamente, puxando para baixo uma alavanca ao lado do aparelho. O prato de metal próximo a seus pés desliza, abrindo uma fenda estreita no chão. Você sente uma repentina onda de calor.

— Esta instalação é construída sobre a boca de um vulcão. Já que eu não quero que meus hóspedes peguem um resfriado neste lugar gelado, simplesmente decidi proporcionar-lhes um pouco de calor. Levará aproximadamente uma hora até que a fenda se abra completamente, mas antes disso vocês já terão virado carne assada. — Lírio estala os dedos e Muk salta do lugar onde estava deitado.

“Agora teremos ação” — você pensa, esperando impaciente que o cão salte sobre Lírio e seus capangas. Ele sai andando sem sequer olhar para trás.

— Volte aqui, seu vira-latas ingrato! — grita Annie, enquanto o cachorro desaparece através da porta.

— Ah, eu já ia me esquecendo. — Lírio pega um martelo das mãos de um dos bandidos e anda a passos largos em direção ao aparelho. — Não há chance de que vocês escapem para usar isto — ela diz, destruindo nervosamente toda a unidade de controle. — Mas desta vez estou colocando todos os pingos nos “is”. Até logo, panacas!

No momento em que a porta da Central de Controle do Tempo fecha-se atrás dos bandidos, a fenda entre o assoalho e a boca do vulcão abre mais alguns centímetros. E a temperatura na sala sobe para 30 graus.

— Isso é mau — diz Annie. Seu rosto molhado de suor escurece de raiva. — E aquele maldito vira-latas não levantou um dedo para nos ajudar.

— Não ponha a culpa dessa confusão em Muk, Annie. Se não fosse ele, não teríamos chegado tão

longe. Além do mais, ele é apenas um robô, você não pode esperar que ele tenha atitudes de um verdadeiro agente da AJA. Estou certo de que há alguma coisa errada com os circuitos dele. Se ele estivesse bem, teria acabado com essa turma da SATAN — você diz, defendendo seu amigo eletrônico. Mas, apesar de seu coração saber que o cão nunca trairia a AJA, seu cérebro lhe diz o contrário. Seja qual for a razão, Muk passou para o outro lado.

A cabeça calva de Mancha Solar brilha, refletindo a efervescência que sobe através da fenda. Ele aspira o ar superquente e ri nervosamente. — É péssimo não haver sorvetes por aqui.

Seu queixo quase cai. Provavelmente, esta é a última brincadeira do palhaço do tempo da TV, mas você não tem força nem mesmo para sorrir.

## CAPÍTULO 13

Montanhas de neve... O frio do inverno batendo em seu rosto... Toneladas de sorvetes de morango... Sua cabeça vai criando imagens para lutar bravamente contra as ondas sufocantes de calor que saem da boca do vulcão.

**BAM! CLANG!** O barulho lá fora interrompe suas fantasias febris.

— O que será isso? O demônio vindo em nossa captura? — Annie mal consegue mover os lábios ressequidos.

— Sinceramente, espero que sim... O inferno certamente é bem melhor do que isto aqui — diz Mancha Solar.

**BLAMM!** A porta bate com força contra a parede e revela a figura furiosa de um cão metálico coberto de pêlos. Presa em seus dentes está uma tira rasgada de pano com desenho de pele de leopardo.

— Eu sabia que você não ia nos deixar na mão, Muk — você sente vontade de chorar de alegria. — A alavanca... empurre a alavanca — você comanda, com voz fraca.

O corpo do cão-robô arqueia-se no ar no salto mais bonito que você já viu. Com uma pancada, ele conse-

gue empurrar a alavanca e a fenda do chão fecha-se rapidamente.

— E pensar que duvidei de você. Você vai ganhar uma bela recompensa, cachorrinho . . . eu prometo. — Annie soluça agradecendo, enquanto o cão corta com os dentes as amarras de couro cru que prendem seu corpo.

— Acho que Lírio deve estar precisando de uma roupa nova — diz Mancha Solar, rindo. — Você já viu coisa igual? Muk estava apenas esperando a oportunidade de pegá-la de surpresa!

Assim que fica livre, você se inclina sobre o grupo de monitores de vídeo. Uma das câmeras externas capta uma cena que faz você estourar de tanto rir. — Ei, pessoal! Olhem o que Muk conseguiu . . . Todo o bando da SATAN foi capturado pelas morsas.

— E espero que um deles esteja sentado exatamente sobre a cabeça daquela lady-leopardo — Annie diz, andando alegremente pelo local onde antes estava a boca do vulcão.

— Vocês não estão ouvindo um barulho de helicóptero além da montanha? Ela deve ter escapado — diz Mancha Solar, franzindo a testa.

Muk choramanga e sacode a cabeça, tentando se desculpar. — Não se preocupe, rapaz. Se a gente conseguir contato com Pé-de-Chumbo, ele vai pegá-la. — O líder da missão começa a mexer nos equipamentos meio arrebitados da sala. — Deve haver um rádio por aqui.

— Au-au!

Vocês olham surpresos para o cão-robô.

— Não pode ser . . .

— Quem sabe . . .

— Talvez K-9 tenha . . .

Colocou, sim. O transmissor de ondas curtas está escondido numa das orelhas de Muk, o receptor na outra.

Bastam duas chamadas e a voz de Pé-de-Chumbo está ecoando pela sala.

— Já tínhamos dado vocês como perdidos... Garoto, fico feliz em ouvi-lo — ele grita com prazer. — Quais são as novas por aí?

— Tudo sob controle, P.C. — começa Mancha Solar. — Mukluk e as morsas dominaram o pessoal da SATAN, mas...

— Morsas? Do que vocês estão falando?

— É uma longa história, mas ouça... Lírio está a caminho da Casa Branca num helicóptero. Você pode pegá-la?

— Deixem comigo. E em menos de uma hora uma equipe de salvamento estará aí para apanhá-los. Graças a Deus vocês conseguiram destruir os equipamentos de controle do tempo da SATAN!

— Áhn... bem... é que... ainda não conseguimos, não, chefe. Estas instalações daqui já estavam desativadas... A SATAN está gerando a Grande Nevada de uma nova estação, no Pólo Sul, e...

— Santo Deus!... Então é por isso que a situação está tão ruim abaixo do Equador! A Grande Nevada simplesmente já ultrapassou as ilhas Malvinas e está aumentando. O governo do Brasil está reunido neste momento para estudar como salvar as plantações de café. — Ele faz uma pausa. — Vocês acham que não há nenhum jeito de parar esta onda de frio?

— Teoricamente há — responde Mancha Solar. — Se tivéssemos satélites na atmosfera, a 30 graus de latitude sul, poderíamos contra-atacar com uma onda de calor. Quando as duas massas de ar se encontrassem, haveria um choque térmico. Isso certamente provocaria ciclones que levariam a frente fria para camadas superiores da atmosfera.

— Bem, e o que vocês estão esperando? Não podem usar o sistema de satélites e controles daí?

Você se ajoelha ao lado de Muk e limpa nervosamente a garganta para falar. — É Órion quem está falando, P.C. Acontece que Lírio destruiu o painel de controle do computador.

— Não importa o que você precise fazer: conserte esse negócio! — Mesmo através das ondas magnéticas de rádio você pode perceber que a voz do chefe é desesperada. — Você é a nossa única esperança!

— Faremos o melhor possível, chefe — você desliga.

O meteorologista já está examinando o equipamento. — O teclado parece em ordem, mas o restante do terminal está arruinado — ele diz.

— Não vejo por que tanto rebuliço . . . simplesmente usem o cão-robô — Annie coloca as mãos nos quadris e olha impaciente em sua direção.

Só que é mais fácil falar do que fazer. Como Muk não dispõe de nenhum teclado, você tem que passar os comandos em voz alta. E, depois de quinze minutos de trabalho, tudo o que você e Mancha Solar conseguiram foi localizar o satélite que navega no espaço sobre a América do Sul. Ele manda um sinal para o monitor e você se assusta ao ver uma onda branca avançando lentamente em direção ao continente.

— Desse jeito não vamos conseguir. A menos que eu consiga digitar os comandos, vamos demorar um século — você diz. — Além disso, a memória de Muk não é suficiente para operar o programa que estou precisando. — Há uma solução, mas é tão terrível que sua mente simplesmente se recusa a considerá-la.

Um brilho pensativo surge nos olhos do líder da missão . . . — Os computadores da sala dos ursos! Poderíamos tentar . . .

— Não — você interrompe. — Não se esqueça de

que Lírio encheu a sala de gás venenoso. Morreríamos assim que entrássemos na sala.

Mancha Solar olha fixamente para Mukluk. — Se tirarmos umas partes dele, poderíamos tentar uma conexão entre o teclado e o cérebro do computador, mas. . .

— Ele anda lentamente, depois respira fundo e diz tristemente: — Você sabe que vamos ter que fazer isso, não é, Órion?

A palavra “sim” nega-se a sair de seus lábios. Você se sente tão triste que mal consegue acenar afirmativamente com a cabeça. — Aqui, Muk. Chegue aqui, garoto — você sussurra.

— Espeeeerem um minuto aí! Vocês não estão pensando em desmontar esse cão, estão? — Annie grita com toda a força de seus pulmões.

— Não há outro jeito, Annie — diz Mancha Solar suavemente, colocando seu braço sobre os ombros trêmulos dela, no momento em que Annie começa a chorar. — K-9 poderá montá-lo de novo, quando voltarmos à estação do Canadá. Ele é apenas um robô, você sabe.

— Ele é mais do que um simples robô. . . eu já lhe disse, ele é um milagre! — O choro de Annie se transforma em soluços mais calmos. — Melhor ainda. . . ele é nosso amigo. E vocês vão desmontá-lo. Ele nunca mais será o mesmo.

Do fundo do coração você sabe que ela está certa, mas não há outra escolha. — Vamos resolver isso logo — você diz, atordoado.

Em menos de dez minutos, o que antes era um cão transforma-se numa conexão ligada ao velho computador da SATAN. Você segura bravamente as lágrimas, dizendo a si mesmo que Muk está apenas dormindo, mas consciente de que a parte do cão que vocês tanto amavam foi-se para sempre.



A mão firme de Mancha Solar em seu braço tenta apoiá-lo. — Vamos em frente, Órion. Temos um trabalho importante a fazer.

Você endireita os ombros e digita um programa em linguagem BASIC.

*Digite o seguinte programa em seu computador e rode-o.*

## PROGRAMA 6

```
100 REM CICLONE
110 LET SW=32
112 LET SH=22
114 LET NU$=""
116 LET WU=5
120 FOR I=1 TO SW-3
122 LET X$=X$+" "
124 LET A$=A$+"-"
130 NEXT I
140 LET AH=1
142 LET BH=SW-1
144 LET AV=1
146 LET BV=SH-1
150 LET AC$="A"
155 LET BC$="S"
160 CLS
170 LET QS=INT(SH/4)
172 LET VT=QS
174 LET HT=1
176 GOSUB 910
180 PRINT A$
190 GOSUB 940
192 IF KY$=NU$ THEN GOTO 190
200 LET K$=KY$
```

```

205 GOTO 230
210 GOSUB 450
220 GOSUB 940
222 IF KY$<NU$ THEN LET K$=KY$
230 IF K$<"D" THEN GOTO 300
240 FOR I=1 TO 2
250 GOSUB 450
260 LET AV=AV+1
265 IF AV>SH-1 THEN LET AV=SH-1
270 GOSUB 410
280 GOSUB 500
290 NEXT I
300 IF K$<"U" THEN GOTO 370
310 FOR I=1 TO 2
320 GOSUB 450
330 LET AV=AV-1
335 IF AV<1 THEN LET AV=1
340 GOSUB 410
350 GOSUB 500
360 NEXT I
370 GOSUB 470
380 LET BV=BV-1
385 IF BV=QS THEN GOTO 620
390 GOSUB 430
400 GOTO 210
410 LET VT=AV
412 LET HT=AH
414 GOSUB 910
416 PRINT AC$;
420 RETURN
430 LET VT=BV
435 LET HT=BH
437 GOSUB 910
439 PRINT BC$;
440 RETURN


```

```
450 LET VT=AV
452 LET HT=AH
454 GOSUB 910
456 PRINT " ";
460 RETURN
470 LET VT=BV
472 LET HT=BH
474 GOSUB 910
476 PRINT " ";
480 RETURN
500 FOR WT=1 TO WU
507 GOSUB 940
510 IF KY$<>NU$ THEN LET K$=KY$
520 IF K$<"F" THEN GOTO 600
530 LET VT=AV
532 LET HT=2
534 GOSUB 910
536 PRINT A$;
540 FOR WS=1 TO WT
545 NEXT WS
550 GOSUB 910
552 PRINT X$;
560 IF K$<"F" OR AV<>BV THEN GOTO 590
570 LET VT=SH-2
572 LET HT=1
574 GOSUB 910
580 PRINT "VOCE VENCEU"
585 STOP
590 LET K$= " "
600 NEXT WT
610 RETURN
620 LET VT=SH-2
625 LET HT=1
627 GOSUB 910
629 PRINT "SATAN VENCEU . . ."
```

```

630 STOP
910 PRINT AT VT,HT;" ";
915 RETURN
940 LET KYS=INKEYS
950 RETURN

```

SINCLAIR	APPLE	RADIO SHACK		IBM
ZX-81	Apple II	TRS-80	Color	PC
				

*Este programa rodará em micros da linha Sinclair e seus compatíveis. Para adaptá-lo a computadores das famílias Apple II, Radio Shack e IBM-PC, consulte o Manual de Referência, página 113.*

— Vai ser como um videogame, Mancha Solar — você explica, ao terminar a última linha do programa. — Vou movimentar o satélite para baixo do paralelo 35. Se localizarmos um satélite da SATAN e o explodirmos, ganharemos um *round*. Mas, se a SATAN contra-atacar, teremos que recuar e tentar outra vez. Se a gente conseguir destruir cinco satélites deles, já poderemos comemorar a vitória.

— O paralelo 35 é o limite absoluto — avisa ele. — Jogue com muito cuidado, Órion. As apostas são muito altas. . .

Você muda o corpo para uma posição mais confortável e cruza os dedos antes de introduzir o comando RUN. — Dedico esta partida ao bom e velho Mukluk! — você sussurra.

*Ao processar o programa, você verá uma linha na tela. Ela representa o paralelo 35. Seu satélite aparecerá no topo da tela como um "A". O satélite da SATAN aparecerá no fundo como um "S". O objetivo é emparelhar seu satélite com o da SATAN. Em seguida, atire nele. Digite "D" para movimentar seu satélite para baixo. Digite "U" para subi-lo. Pressione a tecla "F" para atirar. Aviso: seja rápido para descer com seu satélite; o da SATAN move-se em alta velocidade!! Se você conseguir destruir cinco satélites, a missão estará cumprida. Devem-se usar letras maiúsculas.*

Você encosta-se na cadeira, tenso e sem fôlego. O jogo duro consumiu todo o *bit* de energia que você tinha.

— Ótimo trabalho, Órion! — explode uma voz familiar.

Você olha para cima e sorri. Estava tão concentrado no jogo que nem viu quando Pé-de-Chumbo e a equipe de salvamento chegaram.

— Infelizmente, não tivemos tanto sucesso quanto vocês. No último instante, Lírio escapou da armadilha que preparamos para ela na Casa Branca. — O chefe coça a barba ruiva pensativamente. — Essa lady é perigosa mesmo. . . e tenho um pressentimento de que a AJA ainda vai ter que enfrentá-la outras vezes. . .

Você trata de não ouvir o que ele diz. Estendendo-se para acariciar o que restou de seu amigo peludo, você engole um nó da garganta.

— Ele era especial, não era? — K-9 se afasta do grupo que conversa e vem para junto de você. — Vai para a galeria dos heróis da AJA — diz ele, gentilmente.

Você faz um sinal afirmativo com a cabeça, observando atentamente na tela os ciclones que você e o cão-

robô geraram. Eles estão limpando as últimas nuvens da Grande Nevada.

Uma sombra no fundo da tela chama sua atenção. Você arregala os olhos, sem acreditar no que imagina que está vendo.

K-9 olha fixamente para você. — O que é isto, Órion? Você viu?

— Vamos comemorar a vitória! — você grita, com o coração pulando de alegria. Será verdade? Você não tem muita certeza.

Mas, de qualquer maneira, você vê uma tênue imagem dançando na tela do computador. Parece olhar diretamente para você por um longo tempo. Depois, com uma sacudida do rabo peludo, dando adeus, o espírito de Mukluk salta na atmosfera, perseguindo o rabo de um redemoinho.

## MANUAL DE REFERÊNCIA

Atenção: As atividades de programação apresentadas neste livro foram planejadas para serem usadas com a linguagem BASIC em microcomputadores compatíveis com as seguintes famílias: Sinclair, Apple, Radio Shack/TRS-80 e IBM. Na tabela da última página deste livro, você poderá conferir a que família pertence o seu micro. Cada uma dessas máquinas tem seus próprios procedimentos operacionais para iniciabilizar o interpretador BASIC. Assim sendo, certifique-se de que está com o interpretador BASIC antes de tentar executar qualquer um desses programas. (Lembre-se também de digitar NEW antes de entrar com o programa, para eliminar qualquer coisa que possa ter sobrado de atividades anteriores.)

A versão do programa incluído no texto poderá ser executada na maioria dos computadores acima mencionados. Contudo, alguns dos comandos usados não existem em alguns tipos de microcomputadores. Se o programa apresentado não puder ser executado em um dos micros acima mencionados, as instruções para modificações estarão incluídas neste manual.

Mesmo que você esteja usando um computador diferente dos mencionados, os programas podem funcionar, desde que sejam escritos no BASIC mais genérico.

Se você precisar de ajuda em alguma atividade de computação da Micro Aventura, ou quiser entender como um programa funciona, encontrará o que procura neste manual.

Naturalmente, os programas devem ser digitados no seu computador exatamente como são apresentados. Se o programa que deveria ser executado pelo seu computador está apresentando problemas, faça uma listagem do mesmo e verifique sua digitação antes de fazer qualquer outra coisa. Até uma vírgula ou um espaço fora de lugar podem provocar um erro de sintaxe que impedirá que o programa inteiro funcione.

## TERMOS QUE VOCÊ PRECISA CONHECER

Os especialistas em computadores têm uma “linguagem” especial que eles usam ao falar sobre programas. Eis alguns termos comuns que o ajudarão a entender as explicações deste manual.

**Conjuntos** são grupos de dois ou mais elementos de dados logicamente relacionados num programa, que têm o mesmo nome. Entretanto, para que os elementos de um conjunto possam ser usados isoladamente, cada um deve ser identificado pelo seu próprio endereço (chamado de *índice* ou *subscrito* pelos programadores). Imagine um conjunto como sendo um edifício de apartamentos. Cem pessoas podem morar no edifício (ou 100 elementos distintos de informação podem ser armazenados no conjunto ED). Cada unidade de um prédio possui um número (como apto. 14), para que possa ser localizada e receber correspondência. No conjunto ED, 14 pode ser o índice para localizar um determinado elemento de informação, e seria escrito ED (14). Se você colocar em ordem alfabética as 26 letras do



alfabeto num conjunto chamado ALFA\$, então ALFA\$(2) seria igual a B, pois B é a segunda letra do alfabeto.

**ASCII** (pronuncia-se *ásqui*) é o código padrão usado pela maioria dos microcomputadores para representar caracteres tais como letras, números e pontuação. Uma tabela dos códigos ASCII aparece no apêndice deste manual. Os microcomputadores compatíveis com o Sinclair XZ-81, entretanto, usam uma codificação própria, diferente do ASCII.

**ASC** é uma função em BASIC que fornece o código ASCII de um caráter. Por exemplo, ASC("A") lhe dá o número 65. Nos computadores da linha Sinclair ZX-81 (por exemplo, TK-85 e CP-200), esta função recebe o nome de CODE e o número retornado é 38, para a letra A.

**Funções** são rotinas prontas que realizam cálculos padronizados em um programa. É o mesmo que ter uma tecla na calculadora que compute a raiz quadrada de um número. A linguagem BASIC já vem com um certo número de funções padronizadas para realizar diversas tarefas. Por exemplo, a função SQR (x) achará a raiz quadrada de qualquer número quando x for substituído por aquele número. É interessante verificar o manual de BASIC que acompanha o seu computador para ver quais as funções disponíveis no seu sistema.

**INT** é uma função que transforma qualquer número que você digite em um número inteiro. Por exemplo, INT 4.5 dará o valor 4. Para números maiores que zero, o INT simplesmente despreza qualquer fração, fornecendo-lhe o número inteiro. Note que os números

fracionários são expressos em BASIC, usando-se o ponto, e não a vírgula de separação.

**Laços** (Loops) são partes do programa que podem ser repetidas mais de uma vez — geralmente um número específico de vezes, ou até que determinadas condições sejam preenchidas. Também são conhecidas por *alças* ou *malhas*. Por exemplo, se você quer escrever um programa de 1 a 100, pode usar um laço para ficar acrescentando 1 a uma variável contável até chegar ao número 100. Geralmente, os laços são formados com declarações FOR/NEXT ou comandos GOTO. Você encontrará muitos destes exemplos neste livro.

**Gerador de Números Aleatórios**, função também chamada de RND em BASIC, permite-lhe gerar números *ao. acaso* como se estivesse lançando dados e não soubesse qual o número que sairia em seguida. Na maioria dos computadores de uso pessoal, a função RND gera um número fracionário entre 0 e 1. Para obter números em escala maior, o programa deve multiplicar a fração por um número maior. Por exemplo, RNS \* 10 produzirá números entre 0 e 10.

**REM** é um comando usado para dizer ao computador que aquilo que está numa determinada linha é apenas um comentário ou uma observação e não deve ser executado. Este seria um exemplo:

```
10 REM ESTE PROGRAMA FAZ CONTAGEM  
    REGRESSIVA
```

**Variáveis** são nomes usados para representar valores que mudarão no decorrer do programa. Por exemplo, uma variável chamada D pode representar um dia da semana. Imagine uma variável como sendo uma caixa

de armazenamento, esperando para receber qualquer informação que você queira guardar. As variáveis que trabalham com cadeias de caracteres são sempre seguidas do símbolo do cifrão (\$). O número de dígitos ou caracteres permitidos em um nome de variável varia de um computador para outro.

## PROGRAMA 1: DECODIFICAÇÃO

### Modificações Para Outros Micros

*Sinclair* — Faça as seguintes modificações:

```
104 DIM A2$(28)
105 DIM M$ (40)
120 LET A=CODE("A")
130 LET Z=CODE("Z")
165 PRINT CH
195 PRINT M$
220 LET P$=M$(I TO I)
222 LET C=CODE(P$)
270 LET P$=A2$(P TO P)
```

*TRS-80 e Color Computer* — Adicione a seguinte linha:

```
50 CLEAR 500
```

### O Que o Programa Faz

Trata-se de um programa de decodificação muito especial. O mesmo programa irá codificar e decodificar a mensagem sem necessitar de alterações. Digite uma mensagem. O programa a decodifica. Digite a mensagem codificada. O programa a decodifica. Você tam-

bém seleciona um número que é usado para tornar única sua sessão de decodificação.

## Como o Programa Funciona

Este tipo de código é conhecido como substituição alfabética. Para codificar a mensagem, cada letra do alfabeto é modificada exatamente para outra letra. Há dois passos para nossa substituição neste programa.

O primeiro deles em nosso processo de codificação é adicionar um número ao valor ASCII para cada letra da mensagem codificada. Este é o número secreto. Deve estar entre 1 e 26 porque é a quantidade de letras que existe no alfabeto. Esta adição pode nos causar problemas se nos depararmos com letras maiores que “Z”, portanto “Z” + 1 é “A”; “Z” + 2 é “B”, e assim por diante. O próximo passo na codificação é substituir as letras pelo código.

Como é feito isso? Em primeiro lugar, observe a variável A2\$ (linha 110). Trata-se da substituição do alfabeto. O que você percebe? É o alfabeto em ordem inversa. Este é parte do truque que nos permite tanto codificar quanto decodificar o programa. Eis o porquê: se você pega um “A”, é a primeira posição do alfabeto real. A primeira letra do alfabeto de substituição é “Z”, portanto “Z” é substituído por “A”. Agora, se você escolhe “Z”, que é a ÚLTIMA letra do alfabeto normal, qual é a última letra do alfabeto de substituição? “A”, certo? Isto funciona para “B”, “Y”, “C” e daí por diante.

## PROGRAMA 2: TRENÓ

### Modificações Para Outros Micros

*Sinclair* — Faça as seguintes modificações:

```
137 CLS
910 PRINT AT VT, MT; " ";
```

*TRS-80* — Faça as seguintes modificações:

```
105 CLEAR 500
137 CLS
910 PRINT @ (HT-1 + (VT-1) *
    64 + 0.5, " ";
```

*Color Computer* — Faça as seguintes modificações:

```
105 CLEAR 500
137 CLS
910 PRINT @ (HT-1 + (VT-1) *
    32 + 0.5), " ";
```

*IBM-PC* — Faça as seguintes modificações:

```
137 CLS
910 LOCATE VT, HT
```

### O Que o Programa Faz

Este programa pede para você deduzir o valor correto de três variáveis. Você precisa adivinhar qual a velocidade em que o trenó viajará, o peso dele com seus passageiros e a direcionalidade. Após selecionar todos esses valores, o programa automaticamente calculará a temperatura em que o cão-robô pode ser mantido com a energia restante. Gasta-se energia para dirigir, carre-

gar mais peso e para ir mais rápido. Toda a energia restante é convertida em calor. Muito calor, o cão aquece-se demais; pouco calor, o cachorro congela-se.

Parece fácil? Bem, há algumas armadilhas. Você só pode remover muito peso antes que alguém caia do tremó. Se não o fizer, coloque energia suficiente na direção, você sairá do caminho, e, se não for rápido o suficiente, não cumprirá o prazo. Boa sorte!

## **Como o Programa Funciona**

No início do programa, são declarados dois conjuntos de dados. Estas variáveis (P e V) descrevem os valores iniciais e máximos permitidos para cada uma das funções dos programas (velocidade, peso, direção e temperatura). Em seguida os valores iniciais (e atuais) são exibidos. A sub-rotina na linha 500 imprime os nomes das funções. Os dados novos são introduzidos nas linhas números 250 e 280. As linhas números 290 até 320 calculam as condições de energia para os valores selecionados. As linhas números 360 até 400 analisam os resultados de suas escolhas e imprimem os avisos apropriados.

## **PROGRAMA 3: "EDOC"**

### **Modificações Para Outros Micros**

*Sinclair* — Faça as seguintes modificações:

**110 DIM S\$(5)**

**115 DIM P\$(5)**

**170 LET X\$ = S\$(I TO I)**

**180 LET Y\$ = P\$(LEN(S\$) - I + 1 TO LEN(S\$) -  
I + 1)**

## O Que o Programa Faz

Qual é o segredo para se ter acesso a esta máquina estranha? É óbvio que a palavra chave é "SATAN" . . . talvez óbvio demais. De que trata todo esse código extra? Por que não fazer uma simples comparação da palavra-chave introduzida (P\$) com a palavra-chave no código (S\$)? Há algo estranho acontecendo!

## Como o Programa Funciona

Observe a declaração na linha número 160. É aí que começa toda a codificação estranha. Trata-se de uma espécie de alça. Está processando P\$, a palavra-chave que você introduziu. ESPERE! Está percorrendo-a de trás para diante! Está começando pela última letra e indo até a primeira. Entretanto, S\$, a senha dentro do programa, está sendo processada normalmente. O que está acontecendo? A última letra de P\$ está sendo comparada à primeira letra de S\$ . . . há algo invertido aqui! Há outra maneira de se processar a entrada de modo que você tenha acesso? Inverta o mecanismo e teste-o!

## PROGRAMA 4: "LIXO"

### Modificações Para Outros Micros

*Sinclair* — Faça as seguintes modificações:

```
110 CLS
112 LET SW = 32
116 LET WU = 100
250 LET X$ = L$(TO SH - 2*I)
910 PRINT AT VT, HT; " ";
```

*IBM-PC* — Faça as seguintes modificações:

```
110 CLS
112 LET SW=80
910 LOCATE VT, HT
```

*Radio Shack Color Computer* — Faça as seguintes modificações:

```
105 CLEAR 1000
110 CLS
112 LET SW= 32
114 LET SH= 16
910 PRINT @ (HT-1 + (VT-1)*32 + 0.5), " ";
```

*TRS-80* — Faça as seguintes modificações:

```
105 CLEAR 1000
110 CLS
112 LET SW=64
114 LET SH=16
910 PRINT @ (HT-1 + (VT-1)*64 + 0.5), " ";
```

## **O Que o Programa Faz**

Será que sua habilidade de programação será capaz de tirar a AJA de um espremedor potencialmente **MUITO COMPACTO**? Como conseguirá evitar que o triturador de lixo acabe com a equipe?

Este programa desenha um quadro das paredes do triturador de resíduos. É desenhado como uma caixa que torna-se progressivamente menor. Quando finalmente alcança a AJA, tanto o programa quanto a AJA estão liquidados! Você deve encontrar o lugar no código que evitará que o triturador esprema a AJA... mas onde?



## Como o Programa Funciona

O programa começa limpando a tela e inicializando algumas variáveis. As linhas números 120 e 130 são importantes. A linha número 130 inicializa uma carga máxima. A carga máxima diz ao programa qual deverá ser o menor tamanho de caixa a ser alcançado. Neste momento está fixado em zero, portanto as paredes do triturador se reduzem a nada! Veremos mais adiante onde a Carga Máxima (ML) é usada.

Há um laço FOR-NEXT na linha número 240. Este laço controla o tamanho da caixa. Inicia-se em quase todo o tamanho da tela e termina em nada no meio da tela. XC\$ é uma linha de traços (—). XC\$ torna-se cada vez menor à medida que a caixa torna-se menor. É usado para fazer a tampa e o fundo da caixa. Na linha número 340 vemos a variável ML (a Carga Máxima). Nesse momento ML é incrementada (acrescentada) por 1. Se for maior do que a metade da tela, a carga máxima foi alcançada e o triturador parará. Se não, continuará comprimido.

Pare e pense sobre o que está acontecendo. Há um laço que vai de 1 à metade da largura da tela (HF). No interior do laço há uma variável (ML) que começa em zero e é incrementada por 1 de cada vez no laço. Enquanto o laço avança 1, 2, 3... ML avança 1, 2, 3. Já que a variável do loop vai apenas até HF, e ML é o mesmo número, ML nunca ficará maior do que HF. Mas, se ML começasse em um número maior que zero (digamos 5)? então quando o laço fosse 1, 2, 3... ML avançaria 6, 7, 8... e SERIA capaz de se tornar maior do que HF. Faça ML maior que zero (tente 5) e observe o que acontece.

## PROGRAMA 5: URSOS

### O Que o Programa Faz

Este programa decide o destino de Mancha Solar e Annie. Você escolhe durante quantos segundos eles viverão. Em seguida o relógio começa a diminuir as horas, dois segundos por vez. Se o relógio alcançar UM segundo, então Mancha Solar cai. Se ele bater DOIS segundos, então Annie cai. É um problema. Se você escolher um número par de segundos, por exemplo oito, então o relógio conta 8, 6, 4, 2... e Annie morre. Se você escolher um número ímpar, o relógio conta 9, 7, 5, 3, 1... e Mancha Solar cai. Parece que não há nenhuma maneira de escapar dessa situação.

### Como o Programa Funciona

Você foi informado de que não há NENHUMA MANEIRA de modificar o programa. Está trancado e protegido. Você não pode alterar o código; só poderá salvar seus amigos se escolher a resposta certa para sua pergunta. Estude o programa. Observe o laço FOR-NEXT na linha número 170. Veja como ele diminui a contagem do número de segundos que você forneceu até chegar um. O STEP 2 significa que diminui dois de cada vez. Há algum modo de começar o relógio de maneira que NUNCA conte um 1 ou um 2? E se o programa achar que já diminuiu e nunca vê um número 1 ou 2? Você não pode começar em um número 1 ou maior, porque um de seus amigos morrerá se você o fizer. E se declarar o destino de seus amigos para acontecer imediatamente e não esperar mais? Se eu começar em menos que 1 e diminuir, ele se tornará 1 ou 2? Não. Não posso. Ele pode apenas tornar-se menor! Use sua

habilidade de programação para responder à questão, e veja se seu talento é capaz de salvar seus amigos.

## PROGRAMA 6: CICLONE

### Modificações Para Outros Micros

*Apple II* — Faça as seguintes modificações:

```
110 LET SW=40
116 LET WU=20
160 HOME
910 VTAB(VT):HTAB(HT)
940 KY$=CHR$(0)
942 KY=PEEK(-16384)
944 IF KY < 128 THEN RETURN
946 KY$=CHR$(KY-128)
948 POKE-16368,0
```

*IBM-PC* — Faça as seguintes modificações:

```
110 LET SW=80
116 LET WU=20
160 CLS
910 LOCATE VT, HT
```

*TRS-80* — Faça as seguintes modificações:

```
105 CLEAR 1000
110 LET SW=64
112 LET SH=16
116 LET WU=20
160 CLS
910 PRINT @ (HT-1+(VT-1)*64+0.5), " ;
```

*Color Computer* — Faça as seguintes modificações:

**105 CLEAR 1000**

**112 LET SH=16**

**116 LET WU=20**

**160 CLS**

**910 PRINT (HT-1+(VT-1)\*32+0.5), " ";**

## **O Que o Programa Faz**

O ciclone é um jogo. Você é a AJA, identificada na tela como "A". A SATAN é representada pela letra "S". Você pode mover-se para cima ou para baixo na tela usando a chave U ou D. Você pode atirar na SATAN com a chave F. Você move-se duas vezes, mais rápido que o satélite da SATAN até atirar! Em seguida precisa escolher rapidamente U ou D novamente para reduzir a velocidade da SATAN. Você deve mover-se depois de atirar a menos que tenha acertado a SATAN! Não deixe que eles alcancem o paralelo 35! Se isto acontecer, a AJA e o mundo estão condenados!

## **Como o Programa Funciona**

Desde a linha número 110 até a 160 são definidas informações de inicialização. X\$ é uma cadeia de espaços e A\$ é um string de traços. As posições de início para a AJA (AH, AV) e para a SATAN (BH, BV) são determinadas, da mesma maneira que as letras "A" e "S" para representarem os dois lados. Em seguida o programa espera por um pressionamento de tecla para iniciar o jogo (as linhas números 190 e 200).

O jogo começa procurando-se por um comando Up ou Down. Se conseguir um deles, apaga-se o "A" e o move para cima ou para baixo.

Em seguida, o programa verifica se um comando de fogo está sendo emitido. Ele se repete algumas vezes. O número de vezes é fixado pelo valor atribuído a WU na linha número 115. Quando você atira, uma linha de traços (A\$) surge na tela, e depois é apagada por uma linha de espaços (X\$). Se você atirar e acertar, a SATAN ganha o jogo. Se perder, o programa continua movendo a SATAN bem rapidamente até que você introduza outro comando Up ou Down. O programa continua verificando a posição da SATAN na linha número 380 para ver se ela alcançou a linha do paralelo crítico. Se isto ocorrer, então a mensagem de pêsames é imprimida na linha número 620.

Você deve estar se perguntando por que a SATAN move-se tão rápido após você atirar nela. (Você não se moveria rápido se uma pessoa estivesse atirando em você?) A razão é porque o laço que checa se houve um comando de fogo ocorre apenas depois que você se move. É aquele laço que diminui a velocidade da SATAN.

**Cruze os dedos! Prepare-se para mover Up ou Down e ATIRAR!**

## **AS FAMÍLIAS DE MICROCOMPUTADORES E SEUS COMPATÍVEIS NACIONAIS**

### **SINCLAIR**

Apply 300

AS-1000

CP-200

NE-Z8000

Ringo R-470

Timex 1000

Timex 1500

TK-82C

TK-83

TK-85

### **RADIO SHACK/TRS-80**

Video Genie

CP-300

CP-500

DGT-100

DGT-1000

Dismac 8000

Dismac 8001

Dismac 8002

Sysdata III

Sysdata IV

Sysdata Jr

Naja

### **RADIO SHACK/COLOR**

Codimex

Color 64

VC-50

CP-400

TKS 800

## **APPLE**

Exato CCE

Magnex DM II

Apple II Plus

Apple-Tronic

Unitron

AP II

Dactron

Dismac 8100

Elppa II

Maxxi

Microengenho I

Microengenho II

Microcraft

TK-2000

## **IBM-PC**

Sysdata PC

Ego

Nexus

Microtec PC 2001

Medidata

Prológica SP-16

Dismac 16













## ALERTA GERAL

Seu codinome é Órion e só você pode evitar que a SATAN prossiga com seu plano de congelar a Terra até a destruição total!

Como perito em computador da AJA (Associação de Jovens Aventureiros), cabe a você deter o inimigo que ameaça enregelar o planeta.

Você deve usar seu microcomputador para:

- ★ lutar contra ursos polares assassinos
- ★ escapar de uma prisão de gelo
- ★ jogar um videogame contra os satélites inimigos da SATAN

## TERROR GLACIAL

Mais que uma empolgante aventura!  
É perigo, ação, suspense!  
E 6 programas prontos  
para o seu microcomputador!

Os programas deste livro, todos na linguagem BASIC, rodam em qualquer computador nacional das famílias SINCLAIR, TRS-80, TRS-80 COLOR, APPLE e IBM PC.

**E MAIS:**

Um manual completo com dicas e explicações sobre os programas